

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO
PAULO**

CAMILA CONSTANTINO ALVES ANDRADE

**A PROPOSTA “FILOSOFIA E CUIDADO DE SI: UMA
JORNADA DE HERÓI” COMO CAMINHO PARA
ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DE VIDA PESSOAL-
PROFISSIONAL**

**SÃO PAULO
2017**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CAMILA CONSTANTINO ALVES ANDRADE

**A PROPOSTA “FILOSOFIA E CUIDADO DE SI: UMA
JORNADA DE HERÓI” COMO CAMINHO PARA
ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DE VIDA PESSOAL-
PROFISSIONAL**

Monografia apresentada como exigência parcial ao Curso de Especialização - Lato Sensu, **Gestão Educacional e Escolar**, da Faculdade de Educação, Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP para obtenção do certificado de especialização.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marília J. Marino

**SÃO PAULO
2017**

A PROPOSTA “FILOSOFIA E CUIDADO DE SI: UMA JORNADA DE HERÓI” COMO CAMINHO PARA ELABORAÇÃO DE UM PROJETO DE VIDA PESSOAL-PROFISSIONAL

Monografia apresentada como exigência parcial ao Curso de Especialização - Lato Sensu, **Gestão Educacional e Escolar**, da Faculdade de Educação, Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP para obtenção do certificado de especialização.

São Paulo, de outubro de 2017

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marília J. Marino

Prof^a Dr^a Helena Machado de Paula Albuquerque

Prof^a Dr^a Terezinha Calil Padis Campos

ANDRADE, Camila Constantino Alves. **A proposta “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói” como caminho para elaboração de um projeto de vida pessoal-profissional.** Monografia de Conclusão do Curso de Especialização: Gestão Educacional e Escolar PUC-SP – 2017. (..... páginas)

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo explicitar a contribuição da proposta “Filosofia e Cuidado de Si: uma Jornada de herói” como um caminho para que adolescentes construam seu projeto de vida pessoal-profissional. Para tanto, buscamos analisar o campo de atuação da Orientação Educacional e sua relação com a Orientação Vocacional e refletir sobre os jovens de hoje e suas semelhanças ou diferenças em relação às gerações anteriores. Também analisamos as bases teórico-metodológicas que formam a proposta supracitada, como a *Paideia* grega, a Jornada do Herói de Joseph Campbell e a psicologia de Carl Jung.

Palavras chave: Orientação Educacional, Orientação Vocacional, projeto de vida, adolescentes, Jornada do Herói

ABSTRACT

This paper aims to explicit the contribution of the proposal “Filosofia e Cuidado de si: uma jornada de herói” as a path for teenagers to build their personal- professional life project. As to do it, we seek to analyze the field of action of Educational Counseling and its relation with Vocational Counseling and reflect on today’s youngsters and their similarities or differences in relation to previous generations. The theoretical and methodological bases which make up the proposal aforementioned, such as the Greek *Paideia*, the Hero’s journey by Joseph Campbell and Carl Jung’s psychology have also been analyzed.

Key words: Educational Counseling, Vocational Counseling, life project, teenagers, Hero’s journey

**SÃO PAULO
2017**

À Áurea, que me inspirou a querer ter, assim como ela,
um cérebro borbulhante de ideias...

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer imensamente à professora Dra. Marília Josefina Marino, que de forma tão encantadora aceitou ser orientadora deste trabalho, e me deu suporte em cada um dos inúmeros obstáculos pelos quais passei ao longo da redação dele.

Também gostaria de agradecer a Carlos Castanha, autor do material aqui analisado, por ter me encantado com uma proposta tão inovadora e transformadora como esta. Também agradeço por ter me proporcionado essa transformação, ao me permitir vivenciar a minha própria Jornada de Herói.

Ao meu marido, Junior, que esteve ao meu lado em todos os percalços do caminho, pronto para me estender a mão, oferecer o ombro para chorar, me acalmar, apoiar e incentivar a nunca desistir dos meus sonhos.

Aos meus pais, Beth e Lucas, que sempre acreditaram em mim e se orgulharam de cada conquista que obtive.

À Diretora e mantenedora do Externato Rio Branco, Maria Augusta Paranhos Faro, pela confiança que depositou em uma professora de História a ponto de convidá-la para assumir a Coordenação de seu colégio e pelo incentivo constante ao estudo, mesmo quando isso significava sair mais cedo de reuniões importantíssimas. Aos meus companheiros de Coordenação, Caio Mills, Carolina Teixeira, César Augusto Ferrari, Daniela Colosso de Sá, Patrícia Campanha, Thamiris Cleto Dominichelli, por todo apoio, auxílio e discussões acerca dos problemas cotidianos da escola. Em especial à coordenadora e amiga Flávia Grecco Giacomim, por dividir, além da sala, as angústias, as ideias, as loucuras e os almoços! À Vandinha e à Karla, por tornarem meus dias mais leves, mais fáceis e mais felizes.

Aos meus amigos do curso de Gestão Educacional e Escolar: Alessandra, Amanda, Ana Paula, Andreia, Camila, Fernanda, Jaqueline, Miguel, Rosileide e Sandra pelo aprendizado compartilhado e, em especial, àqueles que sempre dividiram comigo as tarefas dos trabalhos em grupo, as dúvidas e as ideias: Angel, João Paulo, Luiz e Rosângela. À Ana Antunes e Maria Lúcia, pelas intensas conversas após o horário, no caminho de casa.

Aos professores do curso de Gestão Educacional e Escolar da PUC-SP: Juliana Cristina Barbosa do Amaral, Madalena Peixoto, Maria Celina Teixeira Vieira, Terezinha Calil Padis Campos, Artur Costa Neto, Marina Ranieri Cesana, José Erigledison da Silva, Ana Lúcia Mairinque, Maria Otília José Montessanti Mathias e Helena Albuquerque, por ampliarem minha visão de mundo e de educação, tão restrita até o início do curso.

*“De lares quietos e jornadas simplórias / Além de
mundos perdidos / Não há nada que valha os
esforços da glória / Se não o riso e o amor dos
amigos”*

Ode Dedicatória, de Hilaire Belloc

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
Da minha trajetória pessoal / profissional ao tema deste trabalho	1
Desenho da investigação	3
Estrutura da monografia	5
1. Orientação Educacional e Orientação Vocacional: interfaces.....	7
1.1. A Orientação Educacional e seu campo de atuação.....	7
1.2. Orientação Profissional / Vocacional / OVO.....	9
1.3. Um olhar sobre os jovens de hoje: os desafios da escolha profissional..	11
1.3.1. Dos <i>Baby Boomers</i> aos <i>Centennials</i> : o que os jovens de hoje esperam de uma profissão.....	11
1.3.2. Os desafios da escolha profissional.....	14
1.3.3. A importância do Autoconhecimento para definir escolhas mais assertivas.....	17
2. A proposta “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói”	20
2.1. Apresentação: uma visão geral do projeto “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói”	20
2.2. Introdução e Capítulos: estruturação do material didático.....	21
2.2.1. Introdução e Conceitos – Chave.....	21
2.2.2. A Jornada do Herói em Passos/ Capítulos.....	24
2.3. Estudo sobre alguns passos da Jornada.....	29
2.3.1. Capítulo 7: A Aproximação da Caverna.....	29
2.3.2. Capítulo 9: A Recompensa.....	34
3. O tripé teórico-metodológico que sustenta a proposta “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói”	41
3.1. A Paideia grega.....	41
3.2. A Psicologia Analítica de Carl G. Jung.....	46
3.3. <i>O herói de mil faces</i> e <i>A jornada do escritor</i>	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66
ANEXO	70

INTRODUÇÃO

1. Da minha trajetória pessoal / profissional ao tema deste trabalho

Lembro-me claramente de quanto optei pelo curso de História. Na verdade, o que eu buscava era a Arqueologia, mas percebi que era quase impossível fazer a graduação direta nesse campo: era necessário passar por uma graduação em uma área afim para, em seguida, fazer o Mestrado na área do meu interesse. Dessa forma, abri meu leque de opções de Graduação que me possibilitaria a ascensão ao Mestrado em Arqueologia depois: minhas opções eram Biologia, Ciências Sociais, Geologia, Geografia ou História. De todas, a que mais me atraía (especialmente pela quase que completa ausência da Matemática...) era a História. Pronto, estava definida a minha graduação. Assim. Simplesmente. Só que eu não contava que encontraria, nesse meio do caminho, a Educação, e que me apaixonaria por ela dessa maneira. Sim, concluí o Mestrado em Arqueologia, mas nunca mais atuei nela. Talvez porque falte aquela paixão que me move atualmente.

Penso que, se na época em que eu era aluna, houvesse algum tipo de Orientação Vocacional na escola em que eu estudava, possivelmente eu estaria na mesma área em que atuo hoje. Com a diferença de que eu não teria passado tanto tempo negando minha tão forte relação com a Educação, a sala de aula, as crianças e adolescentes. Acredito que tenha sido essa parte da minha história que tanto me aproximou do campo da Orientação Vocacional.

O ano era 2012. Eu era professora de História do Ensino Fundamental II e Ensino Médio em um colégio privado em São Bernardo do Campo, SP. Ingressei nesta escola em 2010, mas não era a primeira vez que trabalhava como professora de História. Já havia passado pela rede estadual de Ensino, onde iniciei minha carreira, mas, desde 2005, estava na rede privada. Minha coordenadora na época me chamou em sua sala e disse que os alunos do 2º ano do Ensino Médio teriam um curso à tarde, às terças-feiras, e ela gostaria que eu os acompanhasse. O nome do curso: “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói”. Logo me interessei, pois nos dois anos anteriores eu havia trabalhado com um curso que a escola chamava de L.O.V. (Laboratório de Orientação Vocacional), idealizado por um professor de Matemática que havia

deixado as aulas na metade do ano letivo. Na época, peguei – como dizem – o “bonde andando”, e assumi as aulas. A ideia do L.O.V. era simplesmente ajudar os alunos a decidir qual a melhor faculdade para o curso escolhido e entender o mercado de trabalho que o envolvia. No entanto, eu via que a grande maioria dos alunos chegava à aula desesperados, sem saber o que escolher como profissão e nem como fazer essa escolha. E isso me angustiava, pois eu não tinha a menor ideia de como ajudá-los!

Esse foi o motivo pelo qual a proposta “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói” tanto me encantou. Quem o desenvolveu e trouxe-o para nossa escola foi um ex-professor de História e Filosofia do colégio, o professor Carlos Castanha¹. O foco principal do projeto é o Autoconhecimento, partindo do pressuposto de que quando a pessoa conhece a si mesma, consegue enunciar seu talento e seu sonho, fazendo escolhas mais assertivas. A ideia era trabalhar esse projeto com um grupo de alunos do 2º ano do Ensino Médio e ao mesmo tempo fazer a minha formação, para que eu pudesse, nos próximos anos, aplicá-lo para nossos alunos. Qual não foi a minha surpresa, ao constatar que quem mais saiu ganhando daquela formação fui eu! Perceber quais são os meus valores, meus medos, meus anseios, meu talento e meus sonhos fizeram com que me tornasse uma pessoa e uma profissional melhores. Desde então, tenho levantado a bandeira a favor da Orientação Vocacional e do Autoconhecimento aos adolescentes do Ensino Médio, uma vez que este momento é tão angustiante para eles, assim como foi para mim embora, na época, predominasse a impulsividade. E isso não teria sido possível se eu não tivesse entrado em contato com o projeto “Filosofia e Cuidado de Si”.

Desse modo, o *tema geral deste trabalho* é investigar a relação entre um caminho em que pode dar-se o trabalho de Orientação Vocacional – no caso “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói” – e sua contribuição para que adolescentes construam seu projeto de vida pessoal-profissional.

¹ Carlos Castanha é historiador, graduado e licenciado pela FFLCH (USP), formado em psicanálise e pós-graduado em psicologia clínica pelo COGEAE (PUC-SP). Especializou-se na área de Filosofia da Educação e criou uma metodologia própria consolidada em seu livro *Filosofia e Cuidado de Si* (2013) pela Filosófica Edições e adotada em instituições educacionais e em ambientes corporativos por meio de palestras, cursos e programas de consultoria específicos. Vide site nas Referências.

2. Desenho da investigação

A pergunta disparadora que nos mobiliza é como a proposta “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói” contribui para que adolescentes construam seu projeto de vida pessoal-profissional.

O que justifica nossas preocupações? Sabemos que os jovens brasileiros, por volta dos 17 anos, deparam-se com um dos maiores (se não o maior) desafios enfrentados até então: a escolha do curso universitário, diretamente ligada ao vestibular. Nem todos os jovens brasileiros pertencem à mesma realidade socioeconômica e nem têm os mesmos projetos de vida, mas, para a maioria dos jovens de classe média e alta, a Universidade é um complemento do Ensino Médio, quase uma obrigatoriedade. Junto com a “necessidade de ingressar no Ensino Superior”, é hora de escolher “o que fazer para o resto da vida”. E essa necessidade de escolha é aquilo que mais os atormenta nesta fase.

Ingressar no Ensino Superior é um dos grandes sonhos e desafios desses jovens, mas, como indicam as pesquisas, concluí-lo já não é tão fácil. De acordo com uma reportagem do jornal *A Folha de São Paulo*, publicada em 7 de março de 2016², pesquisas indicam que mais jovens trancam os cursos de graduação do que os concluem. Embora fatores como a atual crise econômica e a má qualidade de alguns cursos superiores contribuam para esses índices, não há como negar que muitos jovens desistem dos cursos por não sentirem que fizeram a opção correta. De acordo com Lehman (2005), a desistência por esta razão é de 44,5%. Esses altos índices de evasão escolar no Ensino Superior demonstram a importância de se promover ações que levem os jovens a buscar escolhas mais assertivas em suas vidas.

Neste sentido, projetos de Orientação Vocacional são de suma importância para minimizar as angústias dos jovens, dando-lhes mais segurança para realizarem escolhas que sejam mais significativas.

Esse tema é tão importante, que vem sendo discutido e proposto já há muito tempo. Desde Frank Parsons, na década de 1910, considerado o “pai da Orientação Vocacional, Profissional e de Carreira”, vários pesquisadores trouxeram o tema à tona, criando correntes de pensamentos diferentes, por

² Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/03/1747061-mais-alunos-trancam-curso-do-que-concluem-graduacao.shtml?cmpid=facefolha> (acesso em 17 de junho de 2016)

vezes contraditórias, e diferentes reflexões sobre ele. Passando pela abordagem da Adequação (Tradicional) – Psicometrista e Desenvolvementista – , Crítica e Sócio-Histórica, a Orientação Vocacional está ainda caminhando, mas tem apresentado uma tendência de crescente importância, tanto no contexto social de uma forma geral, como no escolar, de forma mais específica.

O *Objetivo Geral* que temos em vista é explicitar a contribuição da proposta “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói”, para que adolescentes construam seu projeto de vida pessoal-profissional, desvelando seus fundamentos teórico-metodológicos.

Para alcançar esse horizonte, voltamo-nos para os seguintes *objetivos específicos*:

- Estudar o campo da Orientação Educacional e sua relação com a Orientação Vocacional.
- Refletir sobre a imagem do jovem de hoje.
- Descrever e refletir acerca da estrutura e dos fundamentos teórico-metodológicos que envolvem o Projeto “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói”
- Contribuir com as pesquisas no campo da Orientação Vocacional.

As *referências teóricas* que sustentam a presente investigação, além dos fundamentos do próprio Projeto que buscamos explicitar, remetem-nos aos estudiosos do campo da Orientação Educacional e da Orientação Vocacional.

Dentre os autores que trabalharemos como referências do campo da Orientação Educacional estão Vera Placco e Laurinda Ramalho de Almeida. No campo da Orientação Vocacional, não podemos deixar de trabalhar com Rodolfo Bohoslavsky e Silvio Bock (maior representante da abordagem Sócio-Histórica da Orientação Vocacional).

Já para analisarmos a estrutura e os fundamentos teórico-metodológicos que envolvem o Projeto “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói”, utilizaremos alguns autores cujas obras serviram de base ou inspiração para o autor do projeto, especialmente Joseph Campbell, Christopher Vogler, Carl

Jung e Sigmund Freud.

A *natureza da investigação* caracteriza-se do ponto de vista metodológico como uma análise bibliográfica e documental em que nos voltamos para os autores da área, conforme apresentado acima, tendo em vista explicitar a fundamentação teórico-metodológica do projeto “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói”, de natureza documental.

3. Estrutura da Monografia

Para alcançar os objetivos propostos, a presente monografia será estruturada da seguinte forma:

- Na Introdução que finalizamos foi trabalhada a trajetória pessoal-profissional de onde emerge o tema da monografia e o desenho da investigação.
- No Capítulo 1, Orientação Educacional e Orientação Vocacional: interfaces, trabalharemos com o tema da Orientação Educacional e sua relação com a Orientação Vocacional ou Profissional. Serão trabalhadas as diferentes abordagens e denominações que são utilizadas para referir-se a esse tema, diferenciando-as de forma significativa. Além disso, cuidaremos do tema dos jovens de hoje e do grande dilema vivido pelos adolescentes no que se refere à escolha profissional.
- No Capítulo 2, A proposta “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói”, será apresentado o Projeto propriamente dito de forma geral, a partir de sua estrutura, e de forma específica serão estudados dois passos da jornada e seus fundamentos teórico-metodológicos.
- No Capítulo 3, O tripé teórico-metodológico que sustenta a proposta “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói”, apresentaremos como se estrutura metodologicamente a proposta a partir da análise da influência da *Paideia* grega, e de autores como Joseph Campbell, Christopher Vogler e Carl Jung.

- Nas Considerações Finais resgatamos o caminho realizado face aos objetivos propostos ressaltando a importância do trabalho para o papel de educadora da autora e as contribuições do curso de Especialização em Gestão Educacional e Escolar.
- Seguem-se as Referências.

1. Orientação Educacional e Orientação Vocacional: interfaces

1.1. A Orientação Educacional e seu campo de atuação

De acordo com Placco, a Orientação Educacional (OE) pode ser conceituada como:

Um processo social desencadeado dentro da escola, mobilizando todos os educadores que nela atuam – especialmente os professores – para que, na formação desse homem coletivo, auxiliem cada aluno a se construir, a identificar o processo de escolha por que passam, os fatores socioeconômico-político-ideológico e éticos que o permeiam e os mecanismos por meio dos quais ele possa superar a alienação proveniente da nossa organização social, tornando-se, assim, um elemento consciente e atuante dentro da organização social, contribuindo para sua transformação. (PLACCO, 1994, p. 30)

Já de acordo com Bicudo (1978), a função da Orientação Educacional é “auxiliar na síntese dos momentos dialógicos da vida do educando e a do processo educacional realizado pela equipe educadora” (BICUDO, 1978, p. 10).

A Orientação Educacional surgiu no início do século passado, graças ao novo contexto social, político e econômico advindo do mundo transformado após a Revolução Industrial. Com as conseqüentes e significativas mudanças no mundo do trabalho, veio à tona uma nova preocupação: o problema da escolha profissional. Mesmo com uma ampliação da abrangência da OE para a área escolar, o tema da escolha profissional permaneceu como o objetivo do Orientador Educacional na sua primeira aparição em esfera legal: as Leis Orgânicas dos Ensinos Industrial e Secundário, Comercial e Agrícola, em meados da década de 1940. Nota-se isso na própria definição de Orientação Educacional apresentada no documento da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, datada de 1977:

A Orientação Educacional é um processo de assistência ao orientando, na formação do seu autoconceito e na aquisição da habilidade de escolha e tomada de decisão, visando um desenvolvimento individualmente satisfatório e socialmente desejável. (1977)

Mesmo neste contexto de ampliação da área de atuação da OE, é interessante notar que, no início, seu enfoque no Brasil era mais psicológico, com a busca pela adaptação e ajustamento do aluno à escola, à família e à sociedade. Hoje, no entanto, o papel do Orientador Educacional se ampliou, e está numa dimensão mais pedagógica, “com ênfase num conhecimento que promova/possibilite a transformação do sujeito, da escola e da própria sociedade” (GRINSPUN, 2005, p. 69). Deslocou-se “dos alunos-problemas para todos os problemas dos alunos/escola” (idem, 2005, p. 73).

Assim, a função do Orientador Educacional vai muito além de ajudar a resolver o problema do estudante, uma vez que vai buscar a origem dos problemas dos estudantes de uma forma geral. Seu olhar pedagógico permite que desenvolva um papel de mediação na escola:

Mais importante do que resolver o problema do aluno Jose, por exemplo, que está suspenso ou com notas abaixo da média em matemática, é discutir e analisar o que leva um aluno a ser suspenso, quais são as oportunidades que se oferecem de educar antes de punir/cobrar, discutir as metodologias utilizadas, a avaliação oferecida, o ritmo de aprendizagem do aluno. A Orientação faz um trabalho de interdisciplinaridade entre fatos/situações, ações/razões e emoções que levem o indivíduo a agir de determinada maneira, ou mesmo a própria instituição a agir de determinada forma. (GRINSPUN, 2005, p. 76)

Atualmente, são inúmeras as funções que podem ser atribuídas ao Orientador Educacional, tanto no âmbito da própria instituição escolar (articulação de relações formais e informais, avaliação institucional, formação continuada de professores), como em relação aos alunos - o atendimento às famílias (orientação familiar), o acompanhamento de seu desempenho e aproveitamento escolar (orientação de estudos), sua integração à escola e à sociedade (orientação social). No entanto, a função que desejamos destacar na análise realizada nesta monografia é a que, como dissemos, deu origem à Orientação Educacional em sua raiz: a orientação vocacional e desenvolvimento do projeto de vida pessoal-profissional.

1.2. Orientação Profissional / Vocacional / OVO

A possibilidade da escolha de uma profissão é algo relativamente novo no mundo. Até o advento do capitalismo, os jovens reproduziam aquilo que social e economicamente seus pais faziam, devido à rígida estratificação social da época. Na transição do feudalismo para o capitalismo, no entanto, as relações de trabalho mudaram até porque, com o surgimento da classe dos burgueses, os meios de produção passaram para as mãos desses comerciantes ou de mestres de ofício que começaram a controlar a produção dos materiais antes desenvolvidos e comercializados pelos artesãos. Isso porque, com a decadência do sistema feudal, não bastava produzir para a sobrevivência do grupo – era necessário que esta produção abastecesse um mercado em ampla ascensão e gerasse lucro.

Assim, de acordo com Bock:

Portanto, a questão da escolha profissional não pode ser considerada um problema natural e universal dos seres humanos. A ideia da liberdade de escolha profissional constituiu-se em dada base material, o capitalismo, que recoloca a temática do trabalho para além da mera sobrevivência pessoal. (BOCK, 2002, p. 25)

Com a Revolução Industrial e o consequente aumento da produtividade, novas mudanças começaram a ser anunciadas em relação à escolha profissional. Era necessário, dado este contexto histórico, “colocar o homem certo no lugar certo” e “identificar quais as principais competências e habilidades dos trabalhadores” (VALENTINI, 2013, p. 97). Esse “novo mundo” surgido também trouxe alterações na dinâmica das famílias, o que Valentini (2013) chamou de “declínio do patriarcado”. É por esse motivo que a incumbência de ajudar os jovens a escolherem sua profissão saiu do âmbito familiar e passou para uma esfera, teoricamente, melhor preparada para isso: a escola. De acordo com essa autora:

No momento de escolher uma profissão, à escola é concedida a orientação vocacional, porque, sob a tutela de especialistas e empunhando a bandeira de uma liberdade sem limites, se quer crer que os adolescentes são capazes de assinar o roteiro de sua própria vida. Basta que contem com a orientação daqueles que detém o domínio das técnicas e dos testes. (VALENTINI, 2013, p. 77) (...) A

escola é um local privilegiado no qual o adolescente deve se perguntar e subsidiar suas escolhas, dentre elas a profissional. (VALENTINI, 2013, p. 105)

É importante, neste momento, diferenciarmos os termos “orientação profissional” de “orientação vocacional”. Ainda de acordo com Valentini (2013), a orientação profissional é dirigida aos profissionais que já ingressaram no mercado de trabalho e a orientação vocacional, vinculada à Orientação Educacional, tem como público-alvo os jovens. (VALENTINI, 2013). Giacaglia (2010 *apud* VALENTINI, 2013) utiliza em seus textos o termo “orientação vocacional” por ser mais “abrangente, passível de incluir um projeto de vida em cujo eixo estaria localizado o exercício profissional” (GIACAGLIA *apud* VALENTINI, 2013, p. 114). Concordamos que o termo “vocacional” traz uma dimensão mais abrangente do que o “profissional”, uma vez que a profissão, ao nosso ver, faz parte de um projeto de vida mais amplo, que inclui outras expectativas do indivíduo, como seus sonhos, expectativas e planos. Restringir a orientação ao termo “profissional”, pode nos levar a esquecer que o que move nossos planos de vida (que incluem a escolha de uma profissão) é a subjetividade dos nossos valores e sonhos, algo muito além da objetividade da profissão. Também vale lembrar que, ao longo da vida, podemos adquirir inúmeras identidades profissionais, que podem ou não ter relação direta com nossa primeira escolha.

Marino e Bispo (2011) ilustram que se deve a Bohoslavsky (1998) a construção do termo “vocacional ocupacional”. De acordo com os autores,

(...) fala-se em identidade ocupacional referindo-se a um quando, como, onde, o quê. Isso nos remete às ocupações de um determinado momento histórico-social no mundo do trabalho. Por sua vez, identidade vocacional remete-nos ao “para que” e ao “por que” se faz algo, ou se assume uma identidade ocupacional. Portanto, o ocupacional fala das ocupações, dos postos do mundo do trabalho e o vocacional fala dos valores mais profundos que sustentam uma escolha profissional. (MARINO e BISPO, 2011, p. 21)

A partir dessas reflexões, passamos a usar o termo Orientação Vocacional Ocupacional (OVO) para nos referir a esse processo de apoio ao jovem na construção de seu projeto de vida pessoal-profissional. Além disso, seguimos o que Marino e Bispo (2011) afirmam, que é necessário “considerar a perspectiva de articular as dimensões da subjetividade, inter-subjetividade e as

referências ao mundo do trabalho em sua objetividade como mundo compartilhado em um no momento histórico social” (MARINO e BISPO, 2011, p. 21). Entendemos que é impossível realizar uma escolha profissional mais assertiva sem encontrar dentro de si seus valores mais profundos, num processo de busca pelo Autoconhecimento, conforme apontaremos mais adiante neste capítulo, numa tentativa de ouvir o *vocare*, o chamado que vem de dentro do indivíduo.

1.3. Um olhar sobre os jovens de hoje: os desafios da escolha profissional

1.3.1. Dos *Baby Boomers* aos *Centennials*: o que os jovens de hoje esperam de uma profissão

Para iniciarmos essa discussão é interessante fazer um breve panorama a respeito das gerações mais significativas dos séculos XX e XXI, que têm influência direta nos jovens da atualidade. Por geração entendemos não somente pessoas de uma mesma idade ou nascidas na mesma época, mas que foram modeladas por um mesmo tipo de influência educativa, política ou cultural ou que, ainda, vivenciaram e foram marcadas pelos mesmos eventos.

As quatro gerações que trataremos aqui são os *Baby Boomers* e as gerações X, Y (*Millennials*) e Z (*Centennials*).

Os *Baby Boomers*³ são a geração nascida logo após o final da Segunda Guerra Mundial, especialmente entre os anos de 1945 e 1964, e viveram em um período de prosperidade econômica, otimismo financeiro e ascensão social. Seus valores são fortemente ligados ao tempo de serviço em uma empresa e costumam passar por duas ou três delas no máximo ao longo de toda a sua carreira profissional, mantendo-se fiéis a elas e alcançando cargos de chefia e comando. É uma geração que prefere ser reconhecida pela experiência à capacidade de inovação: é com ela que surgiu o termo *Workaholic* (“viciados em trabalho”). O trabalho apresenta-se como fonte de realização pessoal e material e, por isso, apresentam dificuldade em equilibrar a vida profissional e pessoal. Como a geração anterior (seus pais) viveu em um período de guerras,

³ O nome “*Baby Boomer*” faz referência ao “baby boom” (“explosão de bebês”), grande aumento na taxa de natalidade nos Estados Unidos e Europa no pós-Guerra.

crises e instabilidades, com a carência de muitos produtos, os *Baby Boomers* caracterizaram-se, também, pelo perfil mais conservador de consumo, investimento e comportamento de forma geral. (VELOSO, DUTRA e NAKATA, 2008, p.7)

A *Geração X* compreende os filhos dos *Baby Boomers*, nascidos entre os anos de 1960 e 1980, aproximadamente. Por observarem o estilo de vida dos pais, com uma excessiva jornada de trabalho, tornaram-se mais autossuficientes e buscam uma relação de equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, valorizando a flexibilidade e a satisfação no ambiente de trabalho. Vivenciaram acontecimentos marcantes para a economia e a sociedade, como a globalização, a utilização de computadores como ferramenta de trabalho e o início da Internet.

Já a *Geração Y*, também conhecida como *Millennials*, compreende os filhos da *Geração X*, nascidos entre os anos 1980 e início dos anos 1990, num mundo já globalizado, marcado pela era das inovações tecnológicas, da Internet, do recebimento de estímulos constantes dos pais. Diferente dos *Baby Boomers*, a quem consideram totalmente ultrapassados, os *Millennials* mantêm mais lealdade a si mesmos do que à empresa. Assim, valorizam menos a permanência em uma única empresa ao longo da vida, buscando trabalhar com liberdade, flexibilidade e criatividade e naquilo que gostam. É fácil encontrar jovens dessa geração que trocam de emprego frequentemente, por acreditarem que não eram desafiados e não tinham oportunidade de crescer profissionalmente: são mais ambiciosos que seus pais. Estão constantemente conectados à Internet, são ávidos por inovações e pelos produtos mais tecnológicos quanto possível e são considerados “multitarefa”, pela habilidade de fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Devido a esse contato todo com a tecnologia, as gerações anteriores consideram-nos folgados, distraídos, insubordinados e superficiais.

A mais recente das gerações é chamada de *Geração Z*, *Centennials* ou, ainda, *iGeneration*: os nativos digitais. São os nascidos entre a metade de 1990 e 2010, mas não são, necessariamente, filhos da *Geração Y*, apresentando

muitas características semelhantes a ela⁴, como a ansiedade (por estarem acostumados com processos rápidos, perderam a habilidade de esperar e exercitar a paciência), desejo pelo imediatismo (uma vez que aprenderam a obter as respostas que precisam de forma praticamente imediata por meio da Internet) e naturalidade em meio às novas tecnologias.

Os Centennials já nasceram ligados ao mundo virtual e não precisaram se adaptar a essa nova realidade: não conseguem imaginar um mundo no qual as coisas não estejam conectadas num ambiente online e com troca instantânea de informações. São mais críticos, exigentes, autodidatas e não gostam de seguir hierarquias, achando-as desnecessárias. São a geração do “falar”, com necessidade imensa de expressar suas opiniões, especialmente nas redes sociais, que podem ser consideradas uma extensão de seu corpo e sua mente.

Michel Serres (2013) atribui um interessante nome às personagens dessa geração: Polegarzinha, para caracterizar os jovens que usam os dedos polegares para escrever mensagens em seus celulares e *smartphones*:

Foi por vê-los, admirado, enviar SMS com os polegares, mais rápidos do que eu jamais conseguiria com todos os meus dedos entorpecidos, que os batizei, com toda a ternura que um avô possa exprimir, a Polegarzinha e o Polegarzinho. É o nome certo, melhor do que o antigo, falsamente erudito, de “datilógrafo”. (SERRES, 2013, p. 20)

Serres aponta que esses são crianças e jovens que habitam o mundo virtual e podem manipular várias informações ao mesmo tempo. A forma como organizam seu conhecimento também é diferente das gerações anteriores. “Não conhecem, não integralizam nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados” (SERRES, 2013, p. 19). Isso se deve ao que ele chama de “sociedade pedagógica”, referindo-se à sociedade que ofusca a escola e a universidade e atribui à mídia, pelo tempo de exposição, poder de sedução e importância que tem, a função do ensino. (SERRES, 2013)

⁴ Há quem, inclusive, ignore a nomenclatura “Geração Z”, caracterizando os jovens de hoje ainda como Geração Y. No entanto, adotaremos aqui a diferenciação entre as duas gerações, para que possamos caracterizar de forma mais precisa os jovens que são o público-alvo do projeto de Orientação Vocacional aqui analisado, os alunos do atual Ensino Médio.

Para Serres, é evidente que as instituições precisam se moldar a esses jovens, pois, para eles, os modelos antigos (porém atuais) de escola, família, religião, política não mais condizem com sua realidade atual:

(...) a pedagogia muda completamente com as novas tecnologias. (...) Sentimos ser urgentemente necessária essa mudança decisiva do ensino – mudança que pouco a pouco repercute na sociedade mundial e no conjunto de suas instituições ultrapassadas; mudança que não abala apenas o ensino, mas também, e muito, o trabalho, as empresas, a saúde, o direito e a política, isto é, o conjunto de nossas instituições. (SERRES, 2013, p. 28)

Uma vez que essa geração é completamente diferente das anteriores, as relações que estabelecem com o mundo do trabalho também o são. De acordo com Serres:

A Polegarzinha sonha com uma obra cuja finalidade estaria na reparação desses prejuízos, sendo benéfica – não em termos de salário (senão teria dito “se beneficiando”), mas em termos também de felicidade – aos que a operam. E traça, resumindo, a lista das ações que não produzem essas duas poluições: do planeta e dos humanos. (...) A Polegarzinha, então, espera se completar no trabalho. No entanto, não o consegue; no entanto, se entedia. Procura também imaginar uma sociedade que não mais se estruture somente nele. (SERRES, 2013, p. 66)

Os jovens dessa geração não acreditam mais em fazer “uma só coisa para o resto da vida” ou passar sua vida profissional inteira em uma só empresa – são dinâmicos demais para isso. O avanço, a mudança, a melhora, o progresso são coisas naturais para eles. Almejam a liberdade e a conquista pessoal. Esses jovens sabem que o mercado de trabalho mudou e que ter um diploma universitário não é mais garantia de um bom emprego. Sabem que o século XXI exige competências técnicas, mas também capacidade de tomada de decisões, saber trabalhar em equipe, adaptabilidade, proatividade, criatividade etc. Não podemos negar que esse dinamismo é uma característica inata aos jovens da geração Z.

1.3.2. Os desafios da escolha profissional

Escolher é algo inerente a todos os seres humanos. Ao longo da nossa trajetória de vida, somos levados a fazer diversas escolhas, desde as mais simples (como o sabor do sorvete) até as mais importantes (como uma

mudança de emprego ou de país). Fazer escolhas não é fácil e quanto mais importantes forem as consequências que essas escolhas implicam, mais difícil será a tomada da decisão.

É surpreendente, no entanto, que uma das escolhas mais importantes da vida, a da profissão, deva acontecer num período tão conturbado da vida como a adolescência. De acordo com Justo (In: LIPP, 2010):

Além das intensas alterações biológicas e hormonais que marcam o início dessa fase, quando ocorre a puberdade, o adolescente vivencia o aumento da exigência da sociedade, no que se refere à responsabilidade, exigência do grupo, busca de um par, definição sexual, aprendizagem de normas e conceitos sociais, escolha profissional entre outras. Esses desafios demandam no organismo um esforço grande para se adaptar à nova realidade. Tudo isso ocorre com pessoas ainda sem grande vivência pessoal, o que torna a adolescência uma das fases mais vulneráveis ao *stress*, o que é confirmado por sua alta prevalência, que chega a 83% entre jovens pré-vestibulandos. (JUSTO, In: LIPP, 2010, p. 236-237)

De acordo com Hall e Nordby (2014):

Nos anos da adolescência – qualificada muitas vezes de idade insuportável, e insuportável tanto para os pais quanto para os jovens – a psique fica sobrecarregada de problemas, de decisões e da necessidade de fazer muitos e variados tipos de adaptação à vida social. Muitos desses problemas têm origem no momento em que o indivíduo se defronta com as imposições da vida que abruptamente põem fim às fantasias infantis. (HALL e NORDBY, 2014, p. 80)

Se a adolescência já é por si só uma fase das mais conturbadas da vida, a adolescência contemporânea pode ser considerada ainda mais. Outeiral (2003) fez uma interessante observação acerca das diferenças entre a configuração moderna e pós-moderna de indivíduo e família. De acordo com esse autor, a configuração moderna é “*impulso – pensamento – ação*”, enquanto a pós-moderna caracteriza-se como “*impulso – ação*” e reflete uma menor capacidade de reflexão pré-ação. Isso leva o adolescente da atualidade a ter “menor tolerância à frustração, dificuldade em postergar a realização de desejos e busca de recarga imediata dos impulsos” (OUTEIRAL *apud* MALKI, 2015, p. 51).

Existe uma ideia muito difundida socialmente de que a profissão está intimamente ligada à noção de *identidade*. É comum, ao perguntarmos para uma pessoa “quem é você?”, ela responder com seu nome, seguido de sua profissão. Também é possível perceber isso na tão repetida frase que costumamos ouvir desde pequenos: *O que você quer (vai) ser quando crescer?* Essa frase, aparentemente tão simples, demonstra o quanto está arraigada em nossa sociedade a concepção de que a profissão está ligada à identidade pessoal do indivíduo. Releiamos a frase: “o que você quer *ser*?”. Note que, neste contexto, o verbo “ser” também pode trazer embutida a ideia de eternidade. É como se o que você “quer ser” não deixasse espaço para mudança: não se pode mudar o que se é.

Isso também traz muitas angústias e medos ao jovem em fase de escolhas. Como discutimos acima, os jovens das gerações Y e Z são muito ansiosos e imediatistas, consequência da velocidade quase instantânea com que conseguem obter todas as informações que desejam. Isso acabou gerando nesses jovens uma dificuldade bastante grande em planejar, especialmente a longo prazo. Dessa forma, pensar em um “projeto de vida” torna-se algo bastante assustador e quase impossível. Mais ainda é a ideia de terem que ficar “presos” a uma escolha profissional feita nesta época da vida em que a grande maioria se sente insegura com quase tudo que envolve a si mesmo.

De acordo com Justo,

Alguns adolescentes vivenciam esses medos de maneira mais intensa, com um nível de ansiedade mais comprometedor, que prejudica a sua escolha. No estudo realizado por Lara *et al.* (2005), constatou-se que o processo de escolha traz sentimentos desconfortáveis, tais como: medo, dúvida, angústia, confusão, incerteza, receio e insegurança. Para as autoras, um dos motivos de intensificação desses sentimentos se refere à maneira de visualizar o processo, pois o adolescente tenta a sustentar a ideia de que a escolha é para a vida inteira e definirá seu futuro e lugar na sociedade, descartando a possibilidade de mudanças. (JUSTO, in: LIPP, 2010, p. 246)

Não é à toa que observamos altos índices de evasão no Ensino Superior, especialmente nos primeiros anos do curso. Muitos são os motivos que podem levar o jovem recém-ingresso na Universidade a abandonar o curso escolhido: falta de preparo para a vida universitária, imaturidade, a estrutura do curso, a insatisfação com o mercado de trabalho. Mas, de acordo com Lehman,

em pesquisa realizada em 2005 pelo Instituto de Psicologia da USP, 44,5% dos jovens universitários que desistiram do seu curso o fizeram por considerarem que escolheram a opção de curso errada (LEHMAN *apud* CASTANHA, 2013, p. 14).

Toda decisão implica em um conjunto de responsabilidades. Escolher uma profissão faz com que muitas outras não sejam escolhidas, significa abrir mão de uma infinidade de possibilidades. É um ato de renúncia e hierarquização. (CASTANHA, 2013). Escolher implica trocar ganhos e perdas, escolher o que se quer ser, abrindo mão de outras possibilidades, inclusive do que não se quer ser. (BOHOSLAVSKY, 2003). Interessante notar que a questão da escolha tem relação com crescimento, maturidade. Escolher significa ter que pôr fim ao corpo, identidade e fantasias infantis e crescer para se tornar um adulto. Implica numa série de lutos, como à juventude, à separação da escola e do corpo adolescente, ao manejo do tempo, às identificações e vontades deixadas de lado (BOHOSLAVSKY, 2003). Por isso, é importante que o jovem tenha muita segurança em relação ao que deseja ser, não no sentido de profissão, mas no sentido de indivíduo, de ser humano. E essa descoberta só é possível quando ele permite olhar para dentro de si para procurar essas pistas.

1.3.3. A importância do Autoconhecimento para definir escolhas mais assertivas

De acordo com Bock, autoconhecimento é a análise da trajetória de vida do próprio sujeito, quanto às formas de escolha e à compreensão de como construiu sua individualidade (BOCK, 2002, p. 96). Em outras palavras, autoconhecimento seria o olhar para dentro de si, à procura de respostas para suas indagações.

O desenvolvimento do autoconhecimento, de uma identidade pessoal é, para o jovem em período de escolha profissional, algo bastante importante, pois é necessário que ele, ao estabelecer e tomar consciência do seu modo de ser e de agir, possa ampliar seu olhar para profissões que não só se adequem às suas habilidades e competências, mas também àquilo que diz respeito à sua personalidade como um todo.

Hall e Nordby (2014) apontam que:

Quando o indivíduo está adequadamente preparado, ajustado e consciente, a transição das atividades da infância para uma vocação pode se fazer sem grande dificuldade. As quando se apega às ilusões da infância e não consegue reconhecer a realidade, quase que com certeza ele haverá de se deparar com uma infinidade de problemas. (HALL e NORDBY, 2014, p. 80)

O trabalho de Jung também aponta para a importância do autoconhecimento:

Jung aconselha a enfatizar menos a obtenção de uma autorrealização completa do que o conhecimento do próprio *self*. O autoconhecimento é o caminho para a autorrealização. É uma distinção importante porque muitos querem se realizar sem ter o menor conhecimento de si. Querem a perfeição instantânea, um milagre que as transforme em pessoas plenamente realizadas. (HALL e NORDBY, 2014, p. 44)

Jung não foi o primeiro e único a falar sobre o Autoconhecimento. Na Antiguidade Clássica, o grande filósofo Sócrates já havia feito seus apontamentos sobre o tema, afirmando que o cultivo do conhecimento – essencialmente o autoconhecimento, porque define a pessoa que se é nesse mundo – seria o objetivo supremo da vida. Mas para adquirir conhecimento do mundo e acerca de si mesmo é necessário compreender os limites da própria ignorância e remover ideias preconcebidas (STOKES, 2013).

Dessa forma, podemos perceber que apenas um processo contínuo de autorreflexão (que leva ao autoconhecimento) é capaz de fazer o indivíduo perceber quais são, verdadeiramente, suas vontades, seus valores, seus objetivos. Essas descobertas não são necessárias apenas para uma escolha profissional mais assertiva: isso vale para todas as escolhas que o indivíduo tiver ao longo de sua vida. É necessário perceber se o que está guiando o indivíduo em suas decisões são suas vontades ou as vontades dos outros (como a família, os amigos, a mídia, a sociedade etc.). Para isso, apenas um processo de estímulo à reflexão é capaz de levá-lo a descobertas mais profundas acerca de si mesmo. Ainda de acordo com Bock, a escolha profissional é um ato de coragem, que não só articula o processo de escolha profissional à identificação aos modelos familiares, mas a uma reflexão criativa do jovem sobre o “eu” no mundo (BOCK *apud* VALENTINI, 2013, p. 113)

Obviamente, essa autorreflexão não é fácil, e exige, muitas vezes, alguém que a estimule, a oriente. É onde entra o papel do Orientador Educacional (ou Vocacional). Jung afirmava que, além da família, o papel da escola e dos professores é determinante para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Por isso ressaltava a importância do professor também conhecer sua própria personalidade, para que não projete seus complexos e problemas nos estudantes. Para ele, a influência dos professores no processo de individuação da criança pode sobrepujar até mesmo a dos pais. (HALL e NORDBY, 2014, p. 76).

O Orientador terá como função, portanto, guiar o estudante rumo a si mesmo, para que possa perceber suas características mais profundas e fazer escolhas mais adequadas a elas. Ou, como diria Campbell (1990), ajudar o aluno a encontrar seu “fio de Ariadne”:

MOYERS: Gosto do que você diz sobre o velho mito de Teseu e Ariadne. Teseu diz a Ariadne: “Eu a amarei para sempre, se você me mostrar como sair do labirinto”. Ela lhe dá então um fio enrolado, que ele vai desenrolando à medida que penetra no labirinto, e depois o segue de volta, até encontrar a saída. Você diz: “Tudo o que ele tinha era o fio. É tudo o que você precisa”. (...) Às vezes procuramos, para nos salvar, a fortuna, um poder imenso ou grandes ideias, quando tudo o que precisamos é um pedaço de barbante.

CAMPBELL: Que nem sempre é fácil de conseguir. Mas é bom poder contar com alguém que lhe dê uma pista. Essa é a tarefa do professor, ajudá-lo a encontrar seu fio de Ariadne. (CAMPBELL, *apud* FLOWERS, 1990, p. 159-160)

2. A proposta “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói”

2.1. Apresentação: uma visão geral do projeto “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói”

O Projeto “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói” nasceu da angústia do próprio autor, na época professor de História e Filosofia em um colégio em São Bernardo do Campo, SP. Como professor, era muito comum os alunos buscarem-no para conversar sobre as angústias vividas ao longo do Ensino Médio, as dúvidas e anseios dessa etapa, a pressão dos pais, da escola e deles próprios. Como ajudá-los? O que realmente é importante nessa faixa etária? Como dar-lhes subsídios para uma escolha mais assertiva e menos angustiante?

Foi em suas leituras curiosas que Castanha descobriu um autor que o inspirou a buscar resposta para essas indagações: Joseph Campbell, autor da obra *O Herói de Mil Faces* (1949), dentre outras. Nessas buscas por respostas e interpretações a Campbell, Castanha deparou-se com outros dois autores: Christopher Vogler, autor da obra *A Jornada do Escritor* (cuja primeira edição data de 2007) e Carl Edward Jung, grande representante da Psicologia Analítica e que o inspirou a buscar a especialização na área de Psicanálise.

Como estudioso e amante da Filosofia e do mundo greco-romano, Carlos Castanha percebeu a necessidade de se resgatar a *Paideia*, o modelo de formação do homem⁵ proposto pela grandiosa civilização grega, que tinha por objetivo promover uma forma de levar o indivíduo a alcançar sua máxima potencialidade, pensando sempre no bem da coletividade e no crescimento da *pólis*.

Sendo assim, da junção de um angustiado professor que desejava ajudar seus alunos e de referenciais teóricos reconhecidos, nasceu o *Projeto “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói”*.

O material foi inspirado na análise de Christopher Vogler acerca da jornada do herói de Campbell, na qual Vogler caracteriza os 12 passos da

⁵ A diferenciação entre os conceitos de educação e formação para os gregos será apresentada no Capítulo 3: O tripé teórico-metodológico que sustenta a proposta “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói”.

Jornada do Herói proposta pelo autor de *O Herói de Mil Faces*, caracterizando-a, também, como uma possível Jornada do Indivíduo.

Devido a toda a base teórica que o permeia, e preocupado com a forma como o projeto será desenvolvido, afastando o risco de uma mera aplicação mecânica, Castanha não abre mão dele mesmo (ou alguém de sua equipe) garantir a formação dos professores que realizarão o projeto. Desta forma, não é possível adquirir o material didático em qualquer livraria, sendo ele comercializado diretamente pelo autor, em fascículos⁶ de acordo com o cronograma de desenvolvimento do projeto de cada colégio/instituição. Uma grande vantagem dessa estrutura é a possibilidade de adequar a coleção à necessidade do grupo-alvo, sendo possível concretizá-lo em um, dois, três ou até mesmo quatro anos. Neste caso, o projeto teria início no 9º ano do Ensino Fundamental e terminaria no 3º ano do Ensino Médio. No entanto, a maioria das escolas que adotaram o projeto, realizam-no em dois anos, especialmente no 1º e 2º anos do Ensino Médio. Devido a sua linguagem e ao próprio objetivo do projeto, não se recomenda a proposta do mesmo para alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

2.2. Introdução e Capítulos: estruturação do material didático

Passamos agora a descrever e comentar brevemente o material didático utilizado pelo programa Filosofia e Cuidado de Si, cuja primeira edição data de 2013, e é composto por uma Introdução, doze (12) Capítulos e a Bibliografia que referenda a obra.

2.2.1. Introdução e Conceitos – Chave

De acordo com Carlos Castanha,

A pedagogia tem se orientado cada vez mais para a construção do conhecimento pelo próprio aluno, tendo como mediador desse processo o professor. Tornar o aluno um sujeito do conhecimento de

⁶ O formato do material em fascículos foi adotado a partir de 2016; até este ano, o material era apresentado de forma completa, em um único volume. Para facilitar o referencial bibliográfico, adotaremos aqui a estrutura de volume único.

si mesmo e conduzi-lo a assumir a autoria da escrita da própria história são as propostas desse material. (CASTANHA, 2013, p. 21)

Assim, como dito anteriormente, houve uma preocupação do autor em resgatar a *Paideia* grega para levar os alunos a tornar-se sujeitos do conhecimento de si mesmos. De acordo com o helenista alemão Werner Jaeger, a *Paideia* pode ser definida como “o mais alto ideal de homem que o espírito consegue forjar” (JAEGER, 1995, p.35). Seu objetivo era promover uma forma de fazer surgir ou florescer no indivíduo sua máxima potencialidade, pensando sempre no bem da coletividade e no crescimento da *pólis*. Essa máxima potencialidade era o que os gregos costumavam chamar de *Arete*, palavra que costuma ser traduzida como “virtude”, “nobreza”. No período Arcaico da história da Grécia (Séculos VII a VI a.C.), o conceito de *arete* encontrava-se diretamente ligado à guerra: era importante extrair do indivíduo sua máxima potencialidade para explorá-la da melhor forma nas batalhas. Já no período Clássico (séculos VI a IV a.C.), o conceito foi ampliado para as demais áreas da vida: era importante descobrir aquilo para o qual a pessoa nasceu, para que essa essência fosse vivenciada e transbordada pelo indivíduo, refletindo no benefício da coletividade. Na obra “Filosofia e Cuidado de Si”, utiliza-se a palavra “talento” como tradução e referência ao conceito de *arete* dos gregos. O pesquisador Jean Claude Obry assim define “talento”:

O que temos de verdadeiramente valioso em nossa vida são os nossos talentos. São eles que provocam a mudança de realidade e permitem atingir a sensação que sempre procuramos quando dizemos que queremos melhorar. Talento significa peso. O peso que faz a diferença e que revela a melhor parte do ser humano; o valor que o torna diferente dos outros. (OBRY, 2003. pág. 109)

Talento, portanto, seria aquilo que é especial no indivíduo, que o torna diferente dos demais. É um conjunto de habilidades e competências da pessoa, somado àquilo que ela é apaixonada por fazer. Ou seja, o que se faz de melhor e da forma mais natural possível, aliado ao elemento do afeto. Dentre as características do talento, portanto, estão: a paixão, o fato de ser único, pessoal e intransferível e de trazer benefício para a coletividade (CASTANHA, 2013, p. 31).

Outro importante conceito trabalhado no projeto – que será posteriormente retomado nesta monografia na análise teórico-metodológica (presente no Capítulo 3), é o conceito de *Timé*, que muitos traduzem como “honra”. Para os gregos, a *timé* era um presente de Zeus àqueles que passaram pela *Paideia* e utilizaram ao máximo sua *arete* – a honra seria, portanto, um presente divino. Na proposta “Filosofia e Cuidado de Si”, o conceito de *timé* foi entendido e traduzido como “sonho”. Ou seja, o talento conduz o indivíduo naturalmente para seu sonho, para esse sentimento de plenitude. Enquanto o talento refere-se a uma ação, o sonho refere-se aos sentimentos que traduzem um estado paradisíaco para o indivíduo.

Qual é o sentimento que o conectaria ao ser mais genuíno? Qual é o sentimento que o faria experimentar uma verdadeira honra por existir? Está aí o sentido para o qual utilizaremos a palavra ‘sonho’ nesse livro (...) (CASTANHA, 2013, p. 37)

Outros dois conceitos-chave apresentados na Introdução são o conceito de *Paraíso* e a própria explicação acerca da *Jornada do Herói*⁷.

O tema do paraíso já foi amplamente referenciado em diversos povos e culturas, na literatura, na mitologia universal e especialmente no imaginário ocidental.

Essa ideia surge do pensamento de que algum dia a humanidade encontrará um local paradisíaco, onde todas as suas atribuições e problemas acabarão. Não haverá sofrimento, dor, perdas de qualquer espécie; seria a restauração de um estado já vivido pela humanidade, mas que por algum evento, pecado ou transgressão foi perdido pelo homem. (CASTANHA, 2013, p. 40)

Uma reflexão importante a respeito deste tema é que esse local paradisíaco, de “não sofrimento”, não foi criado pelo próprio homem, podendo ser considerado um “paraíso heterônimo”. A palavra heteronomia vem do grego hetero (“outro”, “oposto”, “diferente”) e nomia (“governo”), ou seja, significa “governo do outro”. Desse modo, podemos interpretar esse “paraíso

⁷ O tema da Jornada do Herói será trabalhado no Capítulo 4, no qual faremos uma análise teórico-metodológica do projeto, uma vez que o tema é uma das bases teóricas que o norteia.

heterônimo” como aquele criado pelo outro, confortável, sem sofrimento, mas que em algum momento o levará a querer buscar a sensação de construção de sua própria história, procurando criar seu “paraíso autônomo”. A palavra autonomia também vem do grego, e representa o oposto da heteronomia. Autonomia (auto – de si próprio + nomia – governo) significaria, portanto, “governo de si mesmo”. De acordo com Castanha,

O momento do nascimento representa a imagem mais bem acabada da perda de um paraíso heterônimo, afinal, enquanto se vivia a vida intrauterina, vivenciava-se também um paraíso individual. Normalmente, esse é um espaço de não sofrimento, não há as sensações de fome, frio, de carência. (...) O nascimento é também o momento de separação ou perda desse mesmo paraíso e início de uma série de sofrimentos que antes não existiam: fome, frio, sono, agressão do meio a partir de luzes e ruídos e a necessidade de sair de um estágio de conforto para outro de busca ou luta pela sobrevivência. (CASTANHA, 2013, p.41)

Dessa forma, entendemos que sair de uma zona de conforto e buscar uma vida mais autônoma implica em um grau de sofrimento e medo, mas isso é inevitável se queremos assumir a presidência de nossa própria vida. O ritmo e a dinâmica da jornada heroica humana serão dados de acordo com a forma pela qual o indivíduo lidará com esse sofrimento e esses medos.

2.2.2. A Jornada do Herói em Passos/ Capítulos

Os doze (12) capítulos são compostos por sessões:

- *Indicadores teórico-simbólicos*: Nesta sessão são trabalhados os conceitos-chave para a compreensão do passo da Jornada do Herói a que se refere o capítulo, além da análise de um mito – especialmente da Mitologia Greco-romana – que ilustra este passo específico;

- *Refletindo com filmes*, na qual aparecem indicações de filmes e questões norteadoras que possam levar o leitor à análise deste passo, e um

- *Conjunto de exercícios*, divididos em duas subseções:

- *Refletindo sobre a jornada*, que traz uma reflexão mais subjetiva acerca do indivíduo enxergando-se na jornada, e o

- *Atividades*, que traz exercícios mais objetivos, que reunirão os elementos que ajudarão o aluno a encontrar a profissão ideal ao final do projeto.

Essa estrutura norteia cada um dos 12 capítulos que compõem o material. Apresentaremos agora, de uma forma geral, cada um dos 12 capítulos, para depois nos determos (no item **2.3. Estudo sobre alguns passos da jornada**) de forma mais específica em dois deles – que trazem conceitos-chave para a proposta –, o Capítulo 7: *A Aproximação da Caverna*; e o 9: *A Recompensa*.

O primeiro capítulo trata do primeiro passo da Jornada, o *Mundo Comum*. O Mundo Comum do herói é aquele no qual ele sempre viveu, é sua zona de conforto, seu “paraíso heterônimo”. Neste local, o herói vive desde sempre e acredita que permanecerá por toda a sua existência. Há algo ali que o incomoda, mas ele nem ao menos tem consciência disso, uma vez que não conhece nada diferente. Esse capítulo é bastante importante para o desenvolvimento do projeto, pois é quando o aluno depara-se com as primeiras inquietudes que aparecerão ao longo de todo o processo de autoconhecimento pelo qual está passando. Além de ter que refletir sobre momentos de sua vida que se sentiu saindo de um “paraíso heterônimo” e indo em busca de uma vida mais autônoma, o aluno deverá enumerar e hierarquizar as características do seu ambiente físico ideal e fazer uma *Entrevista com os amigos*, buscando nela elementos que o ajudarão a encontrar seu enunciado de talento.

O segundo capítulo é o *Chamado à Aventura*, quando o herói recebe um convite para embarcar em algo novo, que fará com que ele tenha a oportunidade de sair de sua zona de conforto. Neste capítulo é apresentado o conceito de intuição e de “crenças silenciosas” que, nas palavras de Marilena Chauí, “são as coisas nas quais acreditamos, sem nos dar conta de que acreditamos” (CHAUÍ, 1995 *apud* CASTANHA, 2013, p. 74). O objetivo maior

desse capítulo é levar o aluno a refletir sobre os valores filosóficos que norteiam sua vida, separando-os das crenças que a limitam.

O terceiro capítulo é denominado *A Recusa ao Chamado*. Neste momento da jornada, o herói teme sair do Mundo Comum e aceitar o Chamado, uma vez que não conhecer outra coisa a não ser aquilo em que está inserido. Conceitualmente é trabalhada a questão do medo, e o quanto ele nos impede de agir em determinadas situações, pois acabam revelando crenças silenciosas limitadoras. Aqui, além de listar seus medos cotidianos e interpretá-los à luz das crenças silenciosas que representam, os alunos devem redigir suas histórias de realizações, que representam momentos em que foram o protagonista de sua própria história e sentiram-se realizados ao vivenciar essa experiência. É mais um exercício que trará elementos constitutivos de seu enunciado de talento.

No quarto capítulo, intitulado *Encontro com o Mestre*, o herói conhece aquele que será sua fonte de inspiração, que lhe fornecerá os instrumentos materiais e imateriais para seguir em sua jornada. O Mestre é aquele que conduzirá o herói, com sua sabedoria, a superar seus medos e crenças silenciosas, para finalmente embarcar na aventura. É importante perceber que entre o Mestre e o herói existe um forte elemento de identificação, pois o Mestre é um herói que já passou pela aventura e concluiu-a com êxito, representado o elemento da vitória e conquista para o herói. Neste capítulo, além de identificar os principais Mestres de sua vida, o aluno deverá analisar suas Histórias de Realizações (escritas no capítulo anterior) e buscar nelas as competências que possui, hierarquizando-as. Outro importante exercício do capítulo é fazer uma primeira lista de possíveis profissões, hierarquizando-as.

O quinto capítulo chama-se *A travessia do Limiar*, no qual o herói, inspirado pelo Mestre, aceita iniciar sua jornada, atravessando o limite que divide o Mundo Comum do Mundo da Aventura. Aqui também é apresentado o personagem do Guardião de Limiar, aquele que representa o último obstáculo que tentará impedir o herói de iniciar sua aventura. Neste capítulo, o aluno deverá refletir sobre os limiares que atravessou ou atravessará e quem são seus principais guardiões. Além disso, deverá analisar quais são os principais

conhecimentos que adquiriu ao longo da vida e que lhe causaram prazer. Assim como no capítulo 1, os alunos deverão buscar informações sobre si mesmos por meio de entrevistas, dessa vez com os pais e/ou figuras maternas/paternas.

No sexto capítulo, *Testes e Aliados*, o herói conhece aqueles que, no seu mundo da aventura, o ajudarão a passar por todos os testes que a aventura exige, numa espécie de provas constantes que atestarão se o herói está mesmo disposto a se aprimorar e vencer todos estes desafios antes de enfrentar o maior deles. Estes aliados, diferente do Mestre, não são inspirações para o herói, mas são aqueles que darão a sustentação psicológica para o herói quando ele passar por momentos de descrença e quase desistência. O aluno deverá identificar quais são as pessoas que admira e suas principais características. Esse exercício, de certa forma, dá indícios do próprio aluno, ao mostrar as características que ele também possui ou almeja possuir.

No sétimo capítulo, o herói enfrentará a *Aproximação da Caverna*, na qual, como o título sugere, se aproximará do momento de enfrentar suas sombras. É o momento em que ele colocará sua melhor armadura e terá em mãos suas melhores armas para enfrentar seu pior inimigo. Este é um dos capítulos que será analisado no item 3.3.

O oitavo capítulo é o da *Provação*, no qual o herói enfrentará sua “sombra”, que representa seu maior medo, seu maior desafio. O herói utilizará todas as armas fornecidas pelo Mestre, todo o conhecimento adquirido na jornada até então, e sairá vitorioso desse momento, pois já colocou em prática seu talento. Neste capítulo, o aluno deverá reconhecer quais são as principais “sombras” na sua vida, refletindo sobre como poderá superá-las. É também o 2º momento da hierarquização de profissões, seguida por uma entrevista com profissionais desta área, como mais uma forma de buscar elementos que o direcionem para uma escolha mais assertiva.

No próximo capítulo, intitulado *Recompensa*, o herói, vitorioso após a Provação, recebe aquilo que buscava, o prêmio por ter vivenciado todas as etapas da jornada até então. Esse será o segundo capítulo a ser analisado no item 3.3.

Tendo sua recompensa em mãos, o herói tomará *O caminho de volta*, título do décimo capítulo. Está retomando para o local de onde veio, mas não voltará como era antes: ela volta totalmente transformado. Sua vida não poderá ser mais como era antes de conhecer o Mundo da Aventura, pois sua visão de mundo se ampliou consideravelmente. Neste momento, os alunos deverão listar as três principais decisões tomadas até o momento do programa, analisando o conjunto de responsabilidades que tais decisões implicam (uma vez que foi discutido que toda tomada de decisão implica em abdicar de outra possibilidade, o que é um fator que demonstra maturidade e crescimento pessoal). Além disso, é o momento em que o aluno deve escrever seu enunciado de sonho, com base no exercício do capítulo anterior.

O décimo primeiro capítulo, chamado *Fonte de Motivação*, é o momento no qual o herói passa pelo processo de ressurreição, uma metáfora para a confirmação do aprendizado. O principal exercício deste capítulo é o que permite ao aluno estabelecer seu perfil de personalidade, por meio de um questionário de inclinações pessoais⁸. Ao final deste teste, o aluno encontrará uma descrição de sua personalidade, as características para o trabalho vinculadas a esse perfil e uma lista de carreiras favoráveis e desfavoráveis.

O décimo segundo e último capítulo, *O retorno com o elixir*, reflete o momento em que o herói chega ao início de sua jornada, e já pode vivenciar todas as glórias obtidas a partir da conclusão de sua jornada. Mais do que isso, o herói será capaz de compartilhar suas experiências com os demais, aplicar os aprendizados obtidos ao longo da jornada no mundo comum. O último exercício traz em si essa mesma reflexão. Nele, o aluno deverá responder à seguinte pergunta: “de que forma você gostaria que o mundo mudasse em função de sua passagem e intervenção?”. Ou seja, após toda essa jornada para dentro de si, em busca do autoconhecimento, qual é o legado que você gostaria de deixar para o mundo?

Agora que já fizemos uma simples e rápida reflexão sobre os 12 passos da Jornada do Herói e como eles estão inseridos no material do projeto

⁸ Baseado no teste apresentado por KEIRSEY, D. BATES, M. *Character & Temperament Types*. Citado e adaptado por RAMOS DA SILVA, Maria de Lourdes. *Personalidade e escolha profissional: Subsídios de Keirsey e Bates para a Orientação Vocacional*. São Paulo, Pedagógica e Universitária, 1992, p.111.

Filosofia e Cuidado de Si, vamos analisar de forma mais completa e cuidadosa dois importantes passos dessa jornada.

2.3. Estudo sobre alguns passos da Jornada

Discutindo inicialmente a proposta dessa monografia, havíamos optado por analisar um a um os capítulos do material didático do Projeto Filosofia e Cuidado de Si. No entanto, dado o tempo para a conclusão e os objetivos desse trabalho, optamos por escolher dois capítulos mais significativos para ilustrar a proposta. Os capítulos escolhidos referem-se a dois momentos cruciais do Projeto, quando os orientandos devem elaborar seu enunciado de talento e buscar os elementos que os levarão ao enunciado de sonho. São eles os capítulos 7: *A Aproximação da Caverna* e 9: *A Recompensa*.

2.3.1. Capítulo 7: A Aproximação da Caverna

Neste momento da jornada, o herói já passou por outros seis passos: vivia em seu *Mundo Comum*, recebeu um *Chamado para a Aventura*, houve a *Recusa ao Chamado*, realizou o *Encontro com o Mestre*, fez a *Travessia do Limiar*, e passou por vários *Testes e Aliados* em sua jornada. Agora, o herói está efetivamente dentro da aventura, e vem sendo preparado para seu maior desafio – *A Provação* (que acontecerá no capítulo 8). Ele sabe que esse momento é crucial para sua vida e sua jornada, é para isso que ele vem se preparando desde que nasceu.

A Aproximação da Caverna é, portanto, o momento de concentração do herói, aquele que antecede o enfrentamento da Sombra, seu maior desafio. Alguns estudiosos chamam esse momento de *investidura do herói*, a narrativa de um momento que antecede um grande enfrentamento. Nessa investidura, o protagonista está se preparando física e psicologicamente para o que enfrentará: veste sua armadura, limpa sua arma, concentra-se, respira fundo. O herói mantém-se equilibrado e confiante: tem plena consciência do que está por vir. É um momento caracterizado pela solidão, na qual o herói busca despertar espiritualmente suas melhores qualidades. Seu Mestre não está

presente, pois este é o momento do herói: a presença de seu mentor poderá tirar do protagonista toda a sua glória.

Este capítulo é de suma importância e de grande impacto para o processo de Autoconhecimento pelo qual os alunos envolvidos no projeto estão passando. É o capítulo no qual será redigido o Enunciado de Talento, já citado desde a Introdução. Para retomar o conceito de Talento, o autor valeu-se do exemplo de um objeto que muito bem representa materialmente este conceito: a *Katana* dos samurais. De acordo com Castanha,

A *katana* é considerada a alma de um guerreiro samurai, representando a extensão de seu corpo e seu espírito. O processo de fabricação era totalmente artesanal e levava vários meses para ficar pronta: o seu valor era inestimável. Alguns estudiosos dizem que cada espada custava o valor de um ano de soldo de um samurai, logo podemos imaginar o seu valor, inclusive financeiro. Cada guerreiro tinha uma espada especificamente forjada para as suas habilidades, daí o talento muito específico de um mestre artesão, de 'misturar-se' ao guerreiro em sentimento, estabelecer a **compaixão** com o samurai e, desta forma, traduzir a virtude em aço. (CASTANHA, 2013, p. 174)

Assim, podemos perceber que a *katana* seria um objeto que materializaria o talento de um samurai. Castanha utiliza o filme *O último samurai*, de 2003, dirigido por Edward Zwick, para demonstrar a importância da *katana* para os samurais. Neste filme, o protagonista Nathan Algren, interpretado por Tom Cruise, capitão do exército estadunidense, é capturado por um grupo de samurais que resistem à modernização imposta pelo Imperador japonês com o auxílio dos EUA. Durante o período em que fica sob domínio dos samurais, Algren mergulha intensamente na rica cultura tradicional japonesa e encanta-se com ela, aprendendo inúmeros valores anteriormente esquecidos, como retidão, polidez, honra e lealdade. Quando decide lutar ao lado dos samurais, Algren recebe uma *katana* com a inscrição "A união entre o tradicional e o moderno", numa clara referência àquilo que é seu talento: "o guerreiro capaz de honrar e respeitar uma cultura tradicional e, ao mesmo tempo, compreender e utilizar a modernidade em seu favor" (CASTANHA, 2013, p.174).

Dessa forma, ilustra-se qual é o objetivo principal deste capítulo: redigir o Enunciado de Talento do aluno, que já foi sendo delineado desde o primeiro capítulo, quando o exercício solicitado foi a entrevista com os amigos.

Como já afirmado anteriormente, os indicadores teórico-simbólicos presentes nos capítulos desenvolvidos no projeto voltam-se para os mitos, especialmente os greco-romanos. Para ilustrar a questão do talento e da escrita como uma poderosa ferramenta de tradução deste, Carlos Castanha utilizou o mito do deus Hermes (grego) e do deus Thot (egípcio).

Hermes (Mercúrio para os romanos) era o deus do comércio e do movimento. Foi o responsável pela criação da lira e da flauta, ambos instrumentos que foram alvo da ambição de Apolo, seu irmão. A lira, Hermes trocou pelo rebanho de Apolo que Hermes havia roubado na infância; Apolo desejava seu rebanho de volta, mas aceitou trocá-lo pela lira criada pelo irmão. Já a flauta, Apolo trocou por seu caduceu de ouro, que forneceu a Hermes o poder de cura. Hermes era o deus que tinha livre acesso aos três níveis de existência e seus domínios: o Olimpo, dos imortais; o Hades, dos mortos; e a Terra, dos mortais. Por isso, era considerado o deus mensageiro, daí sua ligação com a comunicação. Hermes possui algumas características que são passíveis de uma interpretação simbólica bastante interessante, relacionada a este momento da jornada do indivíduo.

O caduceu de ouro, ainda hoje o principal símbolo da medicina, possui uma haste central de ouro, que representa a virtude do corpo ou da alma: em outras palavras, o talento em sua essência (CASTANHA, 2013, p.179). As serpentes entrelaçadas que ficam em sua ponta representam os ciclos de morte e renascimento, uma vez a serpente também possui esse simbolismo ao trocar de pele e “renascer” para uma nova vida. De acordo com Castanha,

Aquele que decide viver o talento deve estar disposto a ‘morrer’ para o antigo e ‘renascer’ para o novo, ser capaz de reescrever os significados da própria história e reintegrá-los na vida cotidiana de uma nova forma, mais próxima à saúde da alma e, por consequência, do corpo. (CASTANHA, 2013, p.179)

As asas da águia presentes no caduceu também possuem uma interessante interpretação simbólica. Para os antigos gregos, a águia era um

símbolo de conquista, liderança e transcendência, capazes de ver mais longe e atacar de forma mais eficaz do que qualquer outra ave. Daí simbolizarem a capacidade de ver aquilo que ainda não é realidade, olhar para além do real, do óbvio, e trazer aquilo que não é palpável para a materialidade.

O ponto central desse capítulo, conforme anunciamos acima, é a redação do enunciado de talento do aluno e é daí que vem a relação com Hermes e seu caduceu de ouro. Podemos interpretar esse objeto como a própria forma materializada de um enunciado de talento: representa a virtude do corpo e da alma do indivíduo, é uma forma de renascer para algo novo e também é um ato de criação, como a águia. Quando tomamos a consciência de nosso talento, estamos assumindo a presidência da nossa própria vida, desvinculando-a da autoridade dos outros, do senso comum ou das crenças silenciosas reproduzidas por aquela sociedade.

Outra relação interessante é estabelecida entre o talento e o deus egípcio Thot. Assim como Hermes, Thot era considerado pelos egípcios o criador da escrita. Era ele quem, no julgamento dos mortos no Tribunal de Osíris, era capaz de “ler” o coração do morto e compreender se ele carrega culpas ou pendências. Em outras palavras, Thot era capaz de enxergar se o indivíduo utilizou ao máximo seu talento, cumprindo sua virtude.

Assim como o deus Thot, ao aluno será necessário traduzir

a essência da nossa própria virtude, materializá-la em forma de palavras escritas que sejam dotadas de grande sentido para a nossa existência, justamente porque esse talento dá sentido às várias ações ao longo da vida que nos fizeram sentir a experiência de estarmos vivos. (CASTANHA, 2013, p. 184)

A sessão *Refletindo com filmes* desse capítulo traz três sugestões: *O último samurai* (2003), *O encantador de cavalos* (1998) e *Os Incríveis* (2004). O objetivo dessa sessão, como o próprio título dela diz, é fazer com que o aluno reflita sobre alguma questão que envolva a Jornada a partir de um filme. *O último samurai*, nesta sessão, é utilizado com o objetivo de ajudar o aluno a identificar e conceituar “honra”, ao sugerir a ele que faça uma reflexão sobre a honra do samurai e sua relação com a perfeição da natureza. Já no filme *O encantador de cavalos*, dirigido por Robert Redford, é solicitado que o aluno

reflita sobre como o talento “encantador” pode agir sob os animais e as pessoas. E, por fim, *Os Incríveis*, animação dos estúdios Disney & Pixar dirigida por Brad Bird, leva o aluno a refletir sobre os possíveis enunciados de talento de cada um dos membros da família do Sr. Incrível.

Após a sessão *Refletindo com filmes*, vem a sessão que contém o conjunto de exercícios que os alunos devem realizar: *Refletindo sobre a jornada e Atividades*.

Na sessão *Refletindo sobre a jornada* deste capítulo, deverão resolver um dos exercícios mais importantes de todo o projeto, aquele no qual realizarão a escrita de seu enunciado de talento, por meio de uma frase que o traduza, numa espécie de epíteto individual. Para isso, de acordo com o autor, três elementos serão fundamentais: a memória, a intuição e a compaixão. A memória representa o resgate das respostas dos exercícios de capítulos anteriores, que serviram para o levantamento de informações sobre suas habilidades e competências. A intuição representa o olhar direto, sem interferências quaisquer (preconceitos, ideias, crenças), que buscará a formação do vínculo afetivo entre o indivíduo e suas competências. E a compaixão refere-se ao ato de sentir-se o outro, no caso, entrar em comunhão consigo próprio ou com o próprio sentimento. Para despertar esses três elementos e redigir o enunciado de talento individual, o aluno deve, primeiro, resgatar as respostas dadas nos exercícios de capítulos anteriores, nos quais buscou refletir sobre e enumerar suas competências segundo seus amigos (capítulo 1), segundo si próprio (capítulo 4) e segundo seus pais e/ou figuras paterna ou materna (capítulo 5). Observando os elementos de repetição entre eles, os alunos devem construir uma frase a partir da seguinte fórmula: **“Aquele que (A) FAZ ALGO de (B) ALGUMA FORMA (C) PARA ALGUÉM.”** Sendo:

- (A) Faz algo: o verbo principal e os auxiliares das competências que constituem seu talento.
- (B) De alguma forma: qualificações do verbo principal.
- (C) Para alguém: definição de para quem se dirige a ação deste verbo.

Castanha traz vários exemplos de enunciados reais, de alunos que já passaram pelo processo de Orientação Vocacional proposto: “Levar a felicidade para as pessoas usando a criatividade”, “Aquele que consegue entender, organizar e colocar em prática por meio da comunicação”, “Tornar algo belo por meio da leveza”, “Analisar pessoas ou situações e dar soluções”, entre outros. É interessante notar que estes enunciados de talento podem abarcar uma série de profissões diferentes, mas se qualquer uma delas permitir ao indivíduo utilizar sua máxima potencialidade e levar benefícios para a coletividade, ele estará acertando na escolha profissional. Exemplo: o aluno cujo enunciado de talento for “Analisar pessoas ou situações e dar soluções” pode seguir uma série de carreiras: Psicologia, Arquitetura, Direito, entre outras. O que significa dizer que, qualquer que seja sua escolha, seu talento estará sendo exigido.

Algo bastante interessante desse exercício é que ele permite que o aluno possa olhar para dentro de si sem os “olhos da modéstia”. Alguns enunciados podem parecer pretensiosos e supervalorizados, mas, uma vez que estamos nos referindo àquilo que se tem de melhor a oferecer para a humanidade, é de se esperar que não seja algo “pequeno” ou “modesto”, e sim algo brilhante.

A segunda parte desta sessão de exercícios é a *Atividade: Definindo os objetos com os quais mais gosto de lidar*. Neste exercício, os alunos devem selecionar 10 objetos de uma longa lista dos mais variados tipos e que representam uma ampla gama de atividades. O próximo passo é hierarquizá-los, utilizando a Tabela de Hierarquia dos Itens.

2.3.2. Capítulo 9: A Recompensa

Após o momento da *Aproximação da Caverna* e a *Provação* – o clímax da jornada –, o herói recebe a *Recompensa*. Este momento da jornada é aquele que acontece após o herói enfrentar e vencer sua Sombra, que seria:

(...) Um adversário (simbolizado em uma pessoa ou situação) composto de todas as dúvidas, medos e anseios do indivíduo. É a síntese de todas as questões delicadas para o herói, a origem de

tudo o que ele entende como problemas, frustrações, incapacidades ou incompetências. (CASTANHA, 2013, p. 201)

A recompensa caracteriza-se pelo reconhecimento por parte do herói de sua capacidade de vencer os obstáculos representados pela Sombra. Este reconhecimento pode até apresentar sinais externos, mas ele acontece fundamentalmente dentro do próprio herói, que percebe as várias possibilidades que se abrem após um movimento de superação. É o momento de celebrar essas possibilidades e de desenvolver novas percepções. É comum o herói perceber que adquiriu novas habilidades ou novos poderes, e tomar a real clareza de quem é efetivamente.

Assim como o capítulo 7, este capítulo é de grande importância para o processo de Autoconhecimento dos alunos, uma vez que fornecerá as bases para a redação do Enunciado de Sonho, conceito trabalhado desde a Introdução e redigido no capítulo 10: *O caminho de volta*.

Para representar esse momento e a temática da conquista heroica, o autor retoma a lenda do Rei Arthur e a conquista do Santo Graal, explicitando os motivos que levaram o Rei a buscar esse sagrado objeto.

O lendário Rei Arthur, grande herói medieval, estabeleceu em seu reino muita paz e prosperidade, graças à fidelidade de seus cavaleiros e à espada Excalibur. No entanto, devido à uma brutal e terrível traição envolvendo seu mais fiel cavaleiro, Lancelot, e sua esposa, Guinevere, Arthur fica com uma grande ferida existencial que o leva a perder a Excalibur e abala todo o reino da Grã-Bretanha. As terras e os pastos ficam secos, os animais morrem, a fome se espalha e o povo torna-se miserável. Arthur percebe que, para retomar a prosperidade do reino, só há uma solução: encontrar o Santo Graal. Este objeto seria o cálice usado por Jesus Cristo durante a Última Ceia, num ritual no qual acredita-se que Jesus tenha estabelecido um ritual de união entre Ele (divindade) e seus apóstolos (humanidade). Assim, acreditava-se que o Santo Graal era um objeto dotado de poderes sobrenaturais ligados à cura e à prosperidade.

No entanto, somente um cavaleiro nobre, puro de espírito e leal aos princípios de honra do código de conduta dos cavaleiros seria digno de reencontrar o objeto sagrado e conduzir o reino de Arthur de volta à paz, prosperidade e ausência de sofrimento – um local paradisíaco. O único cavaleiro que possuía essas características era Percival, considerado o cavaleiro de alma pura. Depois de várias aventuras, Percival consegue conquistar o Graal e leva-o ao Rei Arthur. O rei, ao beber a água do Graal, sente seu poder sendo reconstituído, ganha uma nova motivação de vida e parte em novas aventuras, a partir das quais garantirá a retomada da era de paz e prosperidade de seu reino.

De acordo com Castanha,

O Graal representa, nesse contexto, a conexão dos homens com os deuses, da esfera humana com a esfera divina, que habita no próprio homem. Por meio do Graal, os homens lembram-se de sua parcela divina e a reativam, possibilitando a construção de algo maior que eles mesmos: um estado paradisíaco, o estabelecimento do sonho na realidade concreta. (CASTANHA, 2013, p.232)

Sendo assim, podemos afirmar que o Graal seria capaz de fazer com que os homens reativem sua parcela divina, propiciando a construção real de um sonho, a criação de um “paraíso”. Cada cultura tem sua própria concepção de paraíso, normalmente atrelada a um estado de bem-estar absoluto e que tem início após a morte. O autor trabalha com dois exemplos de paraíso: o Valhala (conceito de paraíso para os nórdicos) e os Campos Elíseos (o mesmo para os greco-romanos).

O Valhala era o local para onde eram enviadas as almas dos grandes guerreiros nórdicos mortos em batalhas. Essas almas seriam recolhidas dos campos de batalha e levadas para o Valhala pelas Valkírias, divindades femininas. Neste modelo de paraíso, o guerreiro, além de conviver com os deuses, poderia viver em constante prazer e abundância, praticando atividades como os jogos de combate. Nestes, o objetivo era esmigalhar o crânio do oponente que, na manhã seguinte, já estaria restabelecido e pronto para duelar novamente.

Já entre os greco-romanos, a visão de paraíso era dada através dos Campos Elíseos, um local no reino de Hades destinado àqueles que fossem muito honrados, numa espécie de coroação por uma vida plena de virtudes. Lá, havia cachoeiras de vinho que não causavam embriaguez, os ventos eram sempre amenos e o clima agradável. As almas poderiam escolher viver ali eternamente ou, após mil anos, retornar ao reino dos vivos.

Nota-se que, apesar de culturas espacial e temporalmente distintas, há características comuns aos dois modelos de paraíso: ambos representam locais onde não há sofrimento, trabalho, doenças, velhice. Há abundância e prosperidade, e as coisas boas da vida são mantidas, mas sem causar os males que os exageros terrestres podem causar. Apesar destas semelhanças, podemos notar que os modelos de paraíso de cada uma dessas culturas representam aquilo que há de mais característico delas: no caso dos nórdicos a guerra e, no caso dos greco-romanos, a proximidade com as divindades.

De acordo com Castanha,

Assim como os povos criam os seus modelos muito particulares de céu e paraíso, também as pessoas têm tendência a criar para si modelos paradisíacos sem se dar conta de que o estão fazendo. As pessoas, ao longo dos anos, partindo das referências que possuem, constroem uma imagem individual de paraíso, na qual projetam seus maiores anseios, desejos e sentimentos. Esse paraíso individual é expresso por meio de um sentimento, um sentido de existência que se pretende experimentar antes do momento da morte. Tal sentido prepara o indivíduo para esse momento crucial e inevitável que faz parte da condição humana. Sócrates afirmava que essa era a mais nobre função da filosofia: preparar o indivíduo para a morte, já que tal preparação lhe dá um sentido de vida, um norte para sua existência. Esse sentido de existência reside no desejo – não expresso – pela imortalidade. (CASTANHA, 2013, p. 237)

Inspirando-se na filosofia socrática, o autor cita alguns trechos do diálogo “O Banquete”, de Platão, discípulo de Sócrates. Platão ficou famoso, entre outros motivos, por redigir seus textos em forma de diálogos, nos quais coloca suas ideias no formato de conversas entre os personagens. Entre seus personagens principais está Sócrates, seu mestre. Em “O Banquete” não é diferente. Neste diálogo, vários pensadores estão tecendo elogios ao amor, quando passam a palavra a Sócrates. Este, então, afirma que tudo o que sabe

sobre o amor aprendeu com uma mulher chamada Diótima. No livro *Filosofia e Cuidado de Si* são apresentados trechos desse diálogo e, na sequência, uma interpretação e reflexão acerca destes:

Sócrates, por meio de Diótima, está afirmando que todos os homens são fecundos (capazes de gerar algo) e que buscam a união afetiva e amorosa para perpetuar a si mesmos fisicamente, ou seja, os filhos gerados em uma relação amorosa teriam o sentido verdadeiro de tornar imortais os seus pais, por meios biológicos. Mas, essa perpetuação não se restringe apenas aos filhos: ela ganha muito mais força quando relacionada com as obras do espírito inventivo ou criativo. (CASTANHA, 2013, p. 239)

De acordo com ela, portanto, os homens, ao terem filhos, têm a intenção de criar obras ou realizações que possibilitem a eles “conquistar a imortalidade na memória e nos sentimentos das pessoas” (CASTANHA, 2013, p. 239).

Toda essa reflexão acerca do amor e da geração de obras belas que garantam a imortalidade de seu criador tem como objetivo sensibilizar o aluno para que reflita sobre qual seria o legado que ele mesmo quer e pretende deixar de si mesmo para o mundo, uma vez que este é o objetivo geral do capítulo: realizar uma investigação que revele qual é o sentimento paradisíaco individual intrínseco ao aluno, e traduzi-lo por meio de um enunciado. Para instigar essa reflexão, Castanha convida o leitor a refletir a partir das seguintes provocações:

Qual é a sua obra? Qual é o legado ou patrimônio que você gostaria de deixar para os seus descendentes? Pelo que você gostaria de ser lembrado? Qual é o sentimento ou a sensação que gostaria de experimentar antes de morrer? O que o faz sentir-se mais vivo? (CASTANHA, 2013, p. 239)

A sessão *Refletindo com filmes* desse capítulo também traz três sugestões: *Antes de partir* (2007), *O campo dos sonhos* (1989) e *Gladiador* (2000). O filme *Antes de partir*, dirigido por Rob Reiner, leva o aluno a refletir acerca do sentido da vida por meio da perspectiva de sua interrupção prematura, buscando quais são os valores importantes que ficaram de herança para os personagens centrais. Já o filme *O campo dos sonhos*, dirigido por Phil Alden Robinson, permite ao aluno compreender qual era o sonho do

protagonista do filme, Ray, e dos demais personagens que o ajudam na inusitada aventura de dar ouvidos a uma voz que o instigava a construir um campo de baseball no local onde antes era a plantação de sua fazenda. Por fim, após assistir ao filme *Gladiador*, dirigido por Ridley Scott, os alunos devem refletir sobre o sonho do protagonista, Maximus, que passa de bravo general a escravo e, depois, gladiador.

Na sessão de exercícios há duas atividades a serem realizadas: *Refletindo sobre a jornada: Recompensa* e a *Atividade 1. O Refletindo sobre a jornada* consiste na realização de uma Carta de Projeção pelo aluno, na qual ele deve escrever como se estivesse já ao final de sua vida (seu “eu” mais velho) escrevendo para si mesmo na atualidade (seu “eu” mais jovem). Nesta carta, ele deverá imaginar como está sua vida nesse momento, como é o local em que está, quais são as pessoas à sua volta, quais foram as experiências positivas (e somente as positivas) que vivenciou etc. Ou seja, deve escrever uma carta de uma vida propositalmente idealizada. Essa idealização é crucial, pois ela fornecerá pistas do sonho ou do paraíso pessoal do aluno.

Já a *Atividade* é mais realista e tem por objetivo conscientizar o aluno acerca dos investimentos financeiros necessários para mantê-lo durante os primeiros anos de sua carreira profissional. O aluno deverá preencher uma tabela tendo como referência a vida que almeja ter no início de sua carreira profissional, projetando todos os gastos que, na vida adulta, são exigidos (como contas diversas, impostos, obrigações etc.). Acredita-se que o simples contato com essa questão possa, além de mostrar ao aluno aspectos importantes da realidade da vida adulta, ajuda-lo a escolher uma profissão de forma mais assertiva, uma vez que vai refletir se a realidade que pretende é compatível com o leque de profissões que está cogitando.

Apesar de não se apresentar neste capítulo por questões didáticas (necessidade de maior tempo de reflexão do aluno após a realização da Carta de Projeção), outro importante exercício que não podemos deixar de citar neste momento é a *Atividade* que aparece no Capítulo 10: O caminho de volta. Isso porque é neste exercício que os alunos farão a redação de seu Enunciado de Sonho.

Este exercício, juntamente com o exercício do Enunciado de Talento (o *Refletindo sobre a jornada* do Capítulo 7: A aproximação da caverna), é um dos mais importantes e cruciais de todo o projeto. Nele, o aluno deverá reler sua Carta de Projeção, identificando e separando dois elementos: tudo o que tiver relação com o verbo TER e tudo o que tiver relação com o verbo SER (algo mais subjetivo). É interessante notar que esses sentimentos dificilmente estarão explícitos na carta, sendo necessária a “tradução” desses sentimentos por trás dos desejos materiais. Por exemplo, o desejo de TER uma casa própria pode estar escondendo o sentimento da segurança, ou do reconhecimento perante as outras pessoas. Isso vai depender de cada indivíduo e, por isso, novamente é importante deixar aflorar o lado intuitivo de cada um.

Depois de identificados os sentimentos, é hora de formar uma frase, um enunciado, um pequeno poema que traduza a sensação de sonho para o indivíduo. Esse enunciado é capaz de responder às aquelas provocações feitas pelo autor e apresentadas ao final da parte teórica do capítulo 9. Em geral, a estrutura dessa frase é apresentada da seguinte forma: **SINTO QUE SOU...**

Castanha traz, novamente, alguns exemplos de enunciados reais: “Sinto que sou capaz de levar a felicidade para as pessoas”, “Fazer ou construir algo que possa me adicionar numa página da história da humanidade”, “Sinto que crio na minha realidade a liberdade, a tranquilidade e a prosperidade”, “Sinto que sou capaz de viver com compaixão, extraindo prazer de todos os aspectos da minha vida”, entre outros.

3. O tripé teórico-metodológico que sustenta a proposta “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói”

Após uma análise mais profunda do material didático “*Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói*”, é possível perceber claramente um tripé teórico-metodológico que o sustenta: a ideia da *Paideia* grega, a obra *O herói de mil faces*, de Joseph Campbell e a Psicologia Analítica de Carl G. Jung.

É interessante perceber que, embora essas três facetas existam separadamente e assim possam ser analisadas, elas acabam relacionando-se entre si de forma bastante interessante. Isso porque Campbell, junguiano assumido, baseou seus estudos nos mitos de diferentes regiões e contextos históricos, passando, obviamente, pelos mitos gregos. Dessa forma, não podemos dissociar esses três pontos, mas analisá-los de forma conjunta para que a obra estudada faça sentido. No entanto, para tornar a análise mais didática, as noções fundamentais de cada base teórico-metodológica serão dadas separadamente, e, ao final de cada uma, faremos as observações acerca da relação entre elas e o material didático em questão.

3.1. A Paideia grega

A Paideia grega foi um tema amplamente analisado pelo helenista alemão Werner Jaeger, em *Paideia: a formação do homem grego*. Nesta obra, Jaeger afirma que não basta analisarmos a história grega para compreendermos essa tão importante civilização:

Dou a público uma obra de investigação histórica acerca de um problema até então inexplorado: *Paideia*, a formação do homem grego, como base para uma nova consideração de conjunto do fenômeno grego. Conquanto se tenha descrito frequentemente o desenvolvimento do Estado e da sociedade, da literatura e da religião e da filosofia dos Gregos, ninguém até hoje tentou evidenciar a ação recíproca entre o processo histórico pelo qual se chegou à formação do homem grego e o processo espiritual através do qual os Gregos lograram elaborar o seu ideal de humanidade. Todavia, não foi por ela não ter tido cultores até agora que me dediquei a essa tarefa; eu o fiz porque julguei ver que da solução deste profundo problema histórico e espiritual estava pendente a inteligência daquela criação educativa ímpar, da qual irradia a imorredoura ação dos gregos sobre todos os séculos. (JAEGER, 1995, Prólogo)

Podemos constatar que, para o autor, a *Paideia* grega aparece como a resposta para a compreensão dessa civilização em sua totalidade, embora sua definição seja mais profunda e ampla do que as palavras e conceitos modernos são capazes de abarcar. Jaeger afirma que:

Não se pode evitar o emprego de expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação; nenhuma delas, porém, coincide realmente com o que os gregos entendiam por *Paideia*. Cada um daqueles termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global e, para abranger o campo total do conceito grego, teríamos que empregá-los todos de uma vez só. (JAEGER, 1995 p. 1)

Podemos perceber que não é possível traduzir ou conceituar a palavra *Paideia* a partir de conceitos modernos. A formação do homem grego, *Paideia*, abarca o conjunto de todos esses termos, indissociáveis e complementares entre si. É interessante notar que o senso comum associa diretamente “formação do homem” com “educação”, pois sugerimos que a formação de qualquer ser humano passa pelo processo educativo. No entanto, não era assim que os Gregos antigos enxergavam a *Paideia*.

Para os gregos, educação refere-se a mandamentos (“honrar os deuses”, “honrar os pais”, “respeitar os estrangeiros” etc.), a uma série de preceitos sobre a moralidade e regras de prudência para a vida e à comunicação de conhecimentos e aptidões profissionais (que os gregos chamavam de *techne*, que, em Português, originou a palavra *técnica*, por exemplo). Ou seja, a educação *faz parte* da formação do homem, mas não é seu sinônimo. Para eles, a *Paideia* era a busca por alcançar um modelo ideal de homem, intimamente coerente e claramente definido. Para isso, é necessário oferecer ao espírito uma imagem do homem como ele deve ser (JAEGER, 1995, p. 24).

A palavra *Paideia* inicialmente referia-se à “criação de meninos”, algo muito aquém do sentido mais amplo que adquiriu tempos depois. Inicialmente, essa formação, produto de uma disciplina constante, era algo exclusivo da nobreza, classe que criou o modelo ideal e definido de homem: aquele que alcança a *arete*.

Não existe na língua portuguesa uma palavra que traduza exatamente a palavra *arete*. O mais próximo dela que podemos chegar é a ideia de “virtude”, no sentido de “o mais alto ideal cavalheiresco, unido a uma conduta cortês e distinta e ao heroísmo guerreiro” (JAEGER, 1995, p. 25).

Como dito no capítulo 2, durante o período Arcaico (séculos VII a VI a.C.), essa virtude estava relacionada à guerra: era necessário ter os guerreiros ideais para obter os melhores resultados nas batalhas. Já no período Clássico (séculos VI a IV a.C.), surgiu uma nova imagem do Homem perfeito: ao lado da ação estava a nobreza de espírito, e é somente na união de ambas que se encontra o verdadeiro objetivo (JAEGER, 1995, p. 30).

Dessa forma:

Intimamente ligada à *arete* está a honra. Nos primeiros tempos, era inseparável da habilidade e do mérito. Segundo a bela explicação de Aristóteles, a honra é a expressão natural da medida ainda não consciente do ideal de *arete* a que aspira. (JAEGER, 1995, p. 30-31)

Para os gregos desse período, portanto, o modelo ideal de homem é o virtuoso (que alcança sua *arete*) mas também honrado. Para este povo, a honra tem uma conotação bastante profunda: Zeus, como forma de parabenizar aqueles que passaram pela *Paideia* e alcançaram sua *arete*, dava-lhes um sentimento de honra e altivez, que os gregos chamavam de *timé*. Sendo assim, a *arete* e a honra seriam indissociáveis: a negação da honra era a maior tragédia humana.

A honra para os gregos era algo heroico. Dessa forma, os conceitos de *arete*, honra e heroísmo não podem ser dissociados. Mais do que isso, são complementares e intensificam-se com o tempo. De acordo com Jaeger:

De certo modo, pode-se dizer que a *arete* heroica só se aperfeiçoa com a morte física do herói. Ela reside no homem mortal, ou melhor, ela é o homem mortal; mas perpetua-se, mesmo depois de sua morte, na sua fama, isto é, na imagem de sua *arete*, tal como o acompanhou e dirigiu na vida. (JAEGER, 1995, p. 32)

Como exemplo desse aperfeiçoamento da *arete* heroica, podemos citar Aquiles, o grande herói lendário da Guerra de Troia. Embora morto nesta

guerra, Aquiles utilizou tão amplamente sua *arete* em vida⁹, que até hoje, muitos anos após a sua lendária morte, continuamos a lembrá-lo e citá-lo como o grande herói que foi.

É nesse heroísmo que mora o verdadeiro objetivo almejado pelos gregos ao passar pela *Paideia*. Heroísmo é indissociável da ideia de honra, assim como a honra é indissociável da *arete*. Há um sentido de, como chamavam os gregos, “fazer a sua beleza”, sendo essa “beleza” nada mais do que um profundo heroísmo moral, capaz de abdicar aos prazeres pessoais em nome de um bem social maior. Lembrando Aristóteles, Jaeger afirma que:

Quem estima a si próprio deve ser infatigável na defesa dos amigos, sacrificar-se pela pátria, abandonar prontamente dinheiro, bens e honrarias para “fazer a sua beleza”. Esta frase curiosa repete-se com insistência, o que mostra até que ponto a mais sublime entrega a um ideal é para Aristóteles prova de um elevado amor-próprio. (JAEGER, 1995, p. 35)

Assim como Jaeger faz muitas referências aos heróis gregos em sua obra (como Aquiles, Ájax, Odisseu, entre outros), os gregos usavam o exemplo heroico como motivação e inspiração para que os homens “normais” pudessem alcançar sua *arete*, uma vez que esses heróis representavam modelos idealizados de honra (e, portanto, de uma *arete* plenamente alcançada e desenvolvida). Os grandes educadores, filósofos e poetas gregos utilizavam-se dos exemplos dos heróis como estratégia para transmitir os valores que desejavam que fossem absorvidos pelos ouvintes. Ou seja, podemos afirmar que o exemplo heroico pode ser visto como o método da *Paideia* grega.

Assim faz Carlos Castanha na obra aqui analisada, “*Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói*”, afirmando que:

Usaremos esse mesmo método neste livro: o exemplo heroico. Então, para cada passagem da jornada do herói haverá uma ou mais histórias, não só com o intuito de demonstrar a jornada em si, mas também o de apresentar exemplos de talentos diversos em ação, bem como os significados simbólicos que eles podem conter. Entenderemos os mitos como metáforas que devem ser interpretadas

⁹ Aquiles era conhecido pelo epíteto “Aquiles, o de pés ágeis”, numa clara referência à sua agilidade em combate. Era filho da deusa Tétis e do rei Peleu, e, quando criança, sua mãe banhou-o no rio Estige, tornando seu corpo impossível de ser ferido, exceto na região do calcanhar, local onde Tétis segurou-o, impedindo-o, assim, de ser molhado pelas águas miraculosas do rio.

e que contém um aprendizado acerca do tema que estaremos tratando. (CASTANHA, 2013, p. 36)

Já no capítulo introdutório, Castanha substitui a palavra *arete* por “talento”, como apontado no capítulo 2 desta monografia, sem, no entanto, abandonar o sentido original do termo, “virtude”, mas ampliando-o:

(...) O talento é, dessa forma, algo próprio do indivíduo, mas que também o diferencia em sua singularidade das outras pessoas. Constitui-se como um elemento de distinção. Ao longo desse livro entenderemos talento como uma potencialidade que pode ser enunciada. Portanto, pode ser definida e redigida de maneira bastante objetiva, tal qual faziam os antigos gregos com os seus epítetos de heróis e deuses. (CASTANHA, 2013, p. 29)

Outro momento em que podemos perceber a influência da *Paideia* grega na obra “*Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói*” é quando Castanha apresenta as características do talento. O talento traz o elemento do afeto (“paixão”), é único, pessoal e intransferível e sua utilização traz benefícios à coletividade. Assim como a *arete*, indissociável do heroísmo e da honra, o talento também é capaz de “fazer a beleza”, como referiam-se os antigos gregos.

Como pudemos observar, um dos tripés teórico-metodológicos que sustentam a proposta “*Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói*” é a *Paideia* grega. Podemos afirmar que o que essa formação do homem propunha não é, literalmente, aquilo a que a proposta aqui analisada almeja alcançar. Isso porque o objetivo da *Paideia* grega era formar um “modelo ideal de homem”, aos moldes daquele dado contexto histórico, bastante divergente do atual contexto. No entanto, o que percebemos é que o projeto “*Filosofia e Cuidado de Si*” propõe é que o modelo de homem virtuoso, heroico e honrado almejado pelos gregos seja buscado em sua essência nos dias de hoje, ao nos indagar com a seguinte provocação:

Isso nos leva a imaginar como seria uma sociedade em cuja educação a preocupação principal é a de que cada indivíduo descubra e coloque em prática o máximo das suas potencialidades. Nenhum conteúdo, nenhuma disciplina serve senão para responder ao indivíduo: qual é o seu talento? Como pode usá-lo em benefício da sociedade? (CASTANHA, 2013, p. 28)

3.2. A Psicologia Analítica de Carl G. Jung

Outro sustentáculo em que se apoia a proposta “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói” é a psicologia, especialmente no que diz respeito à Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung.

Antes de abordarmos o quanto o pensamento junguiano embasou o projeto aqui analisado, é importante fazermos uma breve explanação acerca de Carl Jung e os principais eixos teóricos da Psicologia Analítica.

Jung foi um psiquiatra e psicanalista suíço, criador da Psicologia Analítica. Apesar de desde muito cedo ser um amante da Filosofia, especialmente do pensamento de Schopenhauer, Jung apaixonou-se pela Psiquiatria durante a faculdade de Medicina, e começou a aprofundar-se continuamente neste tema, principalmente a partir da observação dos pacientes do hospital psiquiátrico no qual atuava. Mas foi Sigmund Freud, o fundador da Psicanálise, quem mais influenciou o pensamento de Jung. O livro de Freud, *A Interpretação dos Sonhos*, encantou o suíço, que chegou a afirmar que este livro constituía uma “fonte de iluminação” para os jovens psiquiatras (HALL e NORDBY, 2014, p. 16).

Freud e Jung foram muito próximos pessoal e profissionalmente por cerca de seis anos, e Jung era considerado um pupilo natural de Freud. No entanto, após algumas divergências de pensamentos e opiniões, os dois romperam e Jung seguiu seu caminho através da Psicologia Analítica, estudando em paralelo temas como religião, mitologia, cultura, literatura, e utilizando-os em sua teoria, especialmente fazendo analogias entre eles e o funcionamento da psique.

Foi com base nas observações e estudos desses temas que Jung desenvolveu a teoria que o consagrou como um dos mais importantes nomes da psicologia mundial: o Inconsciente Coletivo. Analisemos, pois, a estrutura da psique humana na visão de Freud e Jung para que possamos chegar ao tema do Inconsciente Coletivo junguiano.

Tanto Freud quanto Jung compartilhavam a ideia da existência do inconsciente como parte da psique humana. Nos primeiros textos de Freud,

aparecem os termos *consciente*, *pré-consciente* e *inconsciente* como as dimensões que formam a mente humana. O consciente é a parte mais superficial de nossa mente, a qual temos acesso fácil e imediato, sendo apenas a superfície de um complexo reino psíquico¹⁰. O pré-consciente comporta as memórias que não são de uso cotidiano e frequente, mas que não foram reprimidas e podem ser trazidas à tona a qualquer momento. Já o inconsciente abrange tudo e contém dentro dele o consciente e o pré-consciente. Quando são dolorosos ou inapropriados demais para que o consciente possa suportar, ideias, memórias e impulsos são reprimidos e armazenados no inconsciente, junto com nossos impulsos instintivos. É o inconsciente, portanto, que dirige em silêncio os pensamentos e o comportamento do indivíduo. Estamos diante da primeira tópica psicanalítica. (BOCK, FURTADO E TEIXEIRA, 2008, p. 46 a 54).

Em obras posteriores, Freud desenvolveu uma segunda tópica e propôs uma nova estrutura para o “aparelho psíquico”, o *id*, o *ego* e o *superego*. O *id* é constituído pelos impulsos primitivos e obedece ao Princípio do Prazer, que afirma que todo desejo deve ser imediatamente satisfeito. É movido pela *libido* como energia vinculada à sexualidade. É totalmente inconsciente. O *ego* atua sob o comando do Princípio da Realidade, segundo o qual não podemos ter tudo o que desejamos, mas devemos considerar o mundo em que vivemos; “negocia” com o *id*, tentando buscar estratégias para fornecer-lhe o que deseja, mas de forma sensata. Parte consciente, responsável pelas operações mentais, também tem uma dimensão inconsciente, como os mecanismos de defesa, por exemplo, que nos levam às projeções e racionalizações. O *ego* é controlado pelo *superego*, uma instância de julgamento e fonte da consciência de culpa e da vergonha, representando a voz internalizada dos pais e do código moral da sociedade., também parte consciente e parte inconsciente. Segundo Freud, é essa enorme quantidade de forças conflitantes dentro da nossa psique que causam os conflitos psicológicos e o sofrimento humano. Daí a importância de trazer ao nível do consciente nossos traumas e impulsos

¹⁰ Para ilustrar essa ideia, Freud faz referência à mente humana como um iceberg, que flutua com um sétimo de seu volume acima da superfície. A ponta do iceberg representa, assim, o consciente.

recalcados no inconsciente, e isso é possível através da Psicanálise, especialmente na análise dos sonhos¹¹.

Jung compartilha de algumas ideias de Freud no que diz respeito à psique humana, que define como a personalidade como um todo, movida pela energia psíquica. Para ele, a psique abrange todos os pensamentos, sentimentos e comportamentos, tanto os conscientes quanto os inconscientes (HALL e NORDBY, 2014, p. 25). A grande diferença entre a teoria de Freud e Jung é que, para Jung, há três níveis da psique: a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

A *Consciência* seria a única parte da mente conhecida diretamente pelo indivíduo. O processo no qual a consciência se individualiza ou se diferencia das outras pessoas é chamado de *individuação*, que envolve o estabelecimento de uma conexão entre o *Ego*, centro da consciência, e o *Self*, centro da psique total (que inclui tanto a consciência como o inconsciente). A percepção consciente cresce diariamente por conta da presença das quatro funções mentais que Jung chamou de *pensamento*, *sentimento*, *sensação* e *intuição*. Além dessas funções, há duas atitudes que determinam a orientação da mente consciente: a *extroversão* e a *introversão*. Esses conceitos foram utilizados, posteriormente, em sua teoria dos Tipos Psicológicos, que citaremos novamente adiante.

Já o *Inconsciente Pessoal* armazena as experiências vividas pelo indivíduo ao longo de sua vida que não se harmonizam com a individuação ou função consciente, ou, ainda, que antes eram conscientes, mas foram reprimidas ou desconsideradas por serem imorais, entristecedoras, conflituosas, entre outros motivos. Os conteúdos do inconsciente pessoal, em geral, são facilmente restabelecidos para o nível da consciência quando surge a necessidade.

Mas o que fez com que Jung se transformasse num dos maiores intelectuais do século XX foi a descoberta do *Inconsciente Coletivo*. A partir da

¹¹ Segundo Freud, nos sonhos, as imagens do inconsciente vêm o mais disfarçadamente possível, e têm como objetivo a realização dos desejos reprimidos ou a manifestação de eventos da vida ou conflitos psíquicos que estejam incomodando a consciência.

análise de diversas sociedades e mitos, em diferentes tempos e espaços, Jung demonstrou que a evolução e a hereditariedade dão as linhas de ação para a psique, exatamente como o fazem para o corpo:

A mente, por intermédio de seu correspondente físico, o cérebro, herda as características que determinam de que maneira uma pessoa reagirá às experiências de vida, chegando até a determinar que tipos de experiências terá. A mente do homem é pré-figurada pela evolução. Desta maneira, o indivíduo está preso ao passado, não somente pelo passado de sua infância, mas também o que é ainda mais importante, ao passado da espécie, e, antes disso, à longa cadeia da evolução orgânica. (HALL e NORDBY, 2014, p. 31)

De acordo com Jung, a psique da criança, ao nascer, traz consigo apenas o inconsciente coletivo. Ao vivenciar suas experiências pessoais, o indivíduo vai aos poucos expandindo sua consciência e desenvolvendo seu inconsciente pessoal. O inconsciente coletivo diferencia-se do inconsciente pessoal pelo fato de sua existência não depender da experiência pessoal: seu conteúdo nunca foi consciente. É um reservatório de “imagens primordiais”, no que diz respeito ao desenvolvimento mais primitivo da psique, herdado do passado ancestral da humanidade. Essas “imagens primordiais”, os conteúdos do inconsciente coletivo, são chamadas de Arquétipos, palavra vem do latim *archetypum* e que significa “primeiro modelo”. Atuando como “moldes” no interior da psique, utilizamos os arquétipos para organizar e compreender nossas próprias experiências. De acordo com Christopher Vogler, arquétipos são:

Personagens ou energias que se repetem constantemente e surgem nos sonhos de todas as pessoas e em mitos de todas as culturas. Jung sugeriu que esses arquétipos refletem diferentes aspectos da mente humana – que nossa personalidade se divide nesses personagens para desempenhar o teatro da vida. (VOGLER, 2015, p. 42)

De acordo com Jung, cada pessoa possui dentro de si o modelo de cada um dos diversos arquétipos. Apesar da grande quantidade de arquétipos existentes, Jung dedicou especial atenção a quatro deles, por terem uma importância muito grande na formação da nossa personalidade e de nosso comportamento. São eles a *persona*, a *sombra*, *animus* e *anima*, e o *eu* (*self*).

A *persona* é o arquétipo do “eu” que apresentamos à sociedade, uma espécie de máscara que ostentamos publicamente, com a intenção de

provocar uma impressão favorável de nós mesmos. Dá ao indivíduo a possibilidade de compor uma personagem que não seja, necessariamente, ele mesmo. A *persona* é imprescindível à sobrevivência, pois nos torna capazes de conviver com as outras pessoas de forma amistosa. São os diversos papéis sociais que desempenhamos, e que precisam ser mantidos em equilíbrio e em seus devidos lugares, para que o indivíduo não se apegue a apenas um ou alguns, deixando os demais esquecidos, o que causará uma desestabilidade em sua personalidade.

O arquétipo considerado o oposto da *persona* é a *sombra*. A *sombra* representa a parte de nós que não queremos mostrar ao mundo, nosso lado obscuro, nossos pensamentos secretos ou reprimidos e os aspectos vergonhosos do nosso caráter. Também pode abrigar qualidades positivas que se escondem ou que rejeitamos por algum motivo.

Para Jung, o indivíduo é moldado pela biologia e pela sociedade para ser totalmente masculino ou totalmente feminino. Seu lado oposto ao gênero pode, assim, aparecer na forma de arquétipos, que Jung chamou de *Animus* e *Anima*. *Animus* é o nome dado ao elemento masculino no inconsciente feminino, e a *Anima* é o lado feminino na psique dos homens. Esses arquétipos foram desenvolvidos pelo relacionamento continuado com o sexo oposto por muitas gerações, e têm grande valor para a sobrevivência, pois as características apresentadas por esse arquétipo facilitam a compreensão do outro sexo.

Por fim, o último arquétipo que iremos apresentar neste momento é o do *Self*, o princípio organizador da personalidade e principal arquétipo do inconsciente coletivo. É um arquétipo central, que tenta harmonizar todos os outros em suas atuações na consciência, unindo a personalidade. Tem a capacidade de regular ou governar e de influenciar a personalidade, tornando-a capaz de amadurecer.

Em 1921, Jung lançou um livro que se tornaria célebre, intitulado *Tipos Psicológicos*, no qual “identificou e descreveu um certo número de processos psicológicos básicos e mostrou de que maneira esses processos se ligam em várias combinações para determinar o caráter de um indivíduo” (HALL e

NORDBY, 2014, p. 84). Segundo ele, todos nós possuímos as atitudes de extroversão e introversão, e as funções de pensamento, sentimento, sensação e intuição, mas em diferentes proporções.

As duas atitudes, extroversão (atitude objetiva) e introversão (atitude subjetiva), não podem coexistir simultaneamente na consciência, embora possam alternar uma com a outra, o que acontece com certa frequência: uma pessoa pode ser introvertida em algumas situações e extrovertida em outras. Em relação às funções,

Jung definiu as quatro funções resumidamente, da seguinte maneira:

“Esses quatro tipos funcionais correspondem aos recursos óbvios através dos quais a consciência obtém sua orientação para a experiência. A sensação (isto é, a percepção sensorial) nos diz que uma coisa existe; o pensamento nos diz o que é essa coisa; o sentimento nos informa se essa coisa é agradável ou não; e a intuição nos diz de onde ela vem e para onde vai”. (JUNG, *apud* HALL e NORDBY, 2014, p. 87-88)

Os tipos psicológicos seriam, portanto, categorias nas quais são incluídas pessoas dotadas de características semelhantes, porém não necessariamente iguais. Dentre esses tipos, oito combinações são possíveis entre as funções e as atitudes, sendo que cada uma delas expressa-se conscientemente nos padrões comportamentais dos indivíduos: 1) pensamento extrovertido; 2) pensamento introvertido; 3) sentimento extrovertido; 4) sentimento introvertido; 5) sensação extrovertida; 6) sensação introvertida; 7) intuição extrovertida; e 8) intuição introvertida.

Os tipos psicológicos de Jung serviram como base para muitos testes de personalidade desenvolvidos posteriormente, como o Teste de Myers-Briggs (1962) e de Keyrsey-Bates (1978), amplamente reconhecidos no mundo todo.

Outro ponto importante na Psicologia Analítica diz respeito à forma como se dá a escuta do orientador / psicólogo neste processo. Na Psicanálise, o analista faz uso da livre associação, que consiste em deixar o paciente falar livremente, para que tudo seja objeto de análise. O papel do analista seria mais de observador e ouvinte. A Psicologia Analítica também faz uso do discurso verbal como ferramenta de análise do inconsciente, mas, neste caso, o analista faz intervenções quando necessário, conduzindo e orientando o discurso.

A influência de Jung no material “*Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói*” é inegável e podemos percebê-la, ao menos, em três momentos. O primeiro deles é na utilização de arquétipos na base teórica dos capítulos e, também, nos exercícios, que indicam caminhos para a observação de alguns dos arquétipos típicos do dado momento da Jornada. O motivo pelo qual utiliza-se de forma tão intensa os arquétipos será apresentado no próximo subitem, quando discutirmos a terceira e mais importante base teórico-metodológica na qual se apoia o material: *O herói de mil faces*, de Joseph Campbell.

Além dos arquétipos, outra influência de Jung facilmente observada no material é a presença de um “questionário de inclinações pessoais”, baseado no teste apresentado por Keirsey e Bates, que, como citado acima, foi baseado nos tipos psicológicos estudados por Jung. Este questionário apresenta-se somente ao final do material, no Capítulo 11: *Fonte de Motivação*, exatamente pelo aluno/orientando, após toda a trajetória percorrida até o momento, ter uma perspectiva de autoconhecimento suficiente para fazer escolhas mais assertivas dentre as opções apresentadas no questionário. Vale lembrar que “trata-se do único teste utilizado ao longo do curso. Busca ratificar elementos nos alunos que já foram antes levantados pelos exercícios, e não estabelecer definições de caráter ou personalidade” (CASTANHA, 2013, p.284).

Por fim, também podemos inferir que os procedimentos utilizados na proposta do material aos estudantes/orientandos obedecem aos princípios lançados por Jung em sua Psicologia Analítica. Um ponto muito importante a ser observado pelo professor que trabalha com a proposta é a *escuta* dos resultados dos exercícios realizados pelos alunos. Os exercícios têm um papel de direcionamento do olhar dos alunos/orientandos para aquele determinado propósito, que pode ser a identificação de episódios factuais da sua vida ou, ainda, a percepção de figuras arquetípicas que se apresentam consciente ou inconscientemente. O que se percebe é que o professor/orientador exerce o papel do analista (embora não o seja), ouvindo o que o indivíduo traz como reflexão, e ajudando-o a interpretá-lo – daí a oralidade tendo um papel central no processo de orientação e a importância da criação de um vínculo de confiança entre o professor e o estudante, o orientador e o orientando.

3.3. *O herói de mil faces e A jornada do escritor*

Mas, sem dúvida, a grande inspiração e a principal base teórico-metodológica que observamos no projeto “*Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói*” é o mitólogo estadunidense Joseph Campbell. Esse autor lançou, em 1949, uma obra clássica que se tornou uma grande referência para os estudiosos de diversas áreas: *O herói de mil faces*.

Nesta obra, Campbell apresentou o resultado da análise de muitos mitos ao redor do mundo, de diferentes épocas e locais. Sua obra foi revolucionária pois mostrou que esses mitos, independentemente do tempo e do espaço em que ocorreram e qual sociedade representam, na verdade contam a mesma história, com algumas pequenas variações, tendo como fio condutor dessas similaridades a figura do herói¹².

Em duas ocasiões, nos anos de 1985 e 1986, Campbell foi entrevistado por Bill Moyers, o que resultou numa minissérie de seis horas, intitulada *O Poder do Mito*. Em 1988, após a morte de Campbell, a entrevista foi publicada na íntegra em um livro de mesmo nome, organizado por Betty Sue Flowers. É neste livro que coletamos a seguinte citação de Campbell, explicando o porquê do título de sua grande obra, *O herói de mil faces*, que também pode ser lida como uma explicação de sua teoria do “monomito”:

Porque existe uma certa sequência de ações heroicas, típica, que pode ser detectada em histórias provenientes de todas as partes do mundo, de vários períodos da história. Na essência, pode-se até afirmar que não existe senão um herói mítico, arquetípico, cuja vida se multiplicou em réplicas, em muitas terras, por muitos, muitos povos. (CAMPBELL, *apud* FLOWERS, 1990, p. 145)

No capítulo IV do livro *O herói de mil faces*, Campbell apresenta e estrutura a Jornada do Herói (“monomito”) da seguinte maneira:

O herói mitológico, saindo de sua cabana ou castelo cotidianos, é atraído, levado ou se dirige voluntariamente para o limiar da aventura. Ali, encontra uma presença sombria que guarda a passagem. O herói pode derrotar essa força, assim como pode fazer um acordo com ela, e penetrar com vida no reino das trevas (batalha com o irmão, batalha com o dragão; oferenda, encantamento); pode, da mesma maneira, ser morto pelo oponente e descer morto (desmembramento,

¹² Foi nessa obra que surgiu o termo “Jornada do Herói” para se referir aos elementos estruturais comuns que existem em todas as histórias ao longo do tempo.

crucifixão). Além do limiar, então, o herói inicia uma jornada por um mundo de forças desconhecidas e, não obstante, estranhamente íntimas, algumas das quais o ameaçam fortemente (provas), ao passo que outras lhe oferecem ajuda mágica (auxiliares). Quando chega ao nadir da jornada mitológica, o herói passa pela suprema provação e obtém a sua recompensa. Seu triunfo pode ser representado pela união sexual com a deusa-mãe (casamento sagrado), pelo reconhecimento por parte do pai-criador (sintonia com o pai), pela sua própria divinização (apoteose) ou, mais uma vez – se as forças se tiverem mantido hóstia a ele –, pelo roubo, por parte do herói, da bênção que ele foi buscar (rapto da noiva, roubo do fogo); intrinsecamente, trata-se de uma expansão da consciência e, por conseguinte, do ser (iluminação, transfiguração, libertação). O trabalho final é o do retorno. Se as forças abençoaram o herói, ele agora retorna sob sua proteção (emissário); se não for esse o caso, ele empreende uma fuga e é perseguido (fuga de transformação, fuga de obstáculo). No limiar do retorno, as forças transcendentais devem ficar para trás; o herói reemerge do reino do terror (retorno, ressurreição). A bênção que ele traz consigo restaura o mundo (elixir). (CAMPBELL, 2007, p. 241-242)

Neste mesmo capítulo, apresenta o diagrama da Jornada do Herói, reproduzido na Figura1:

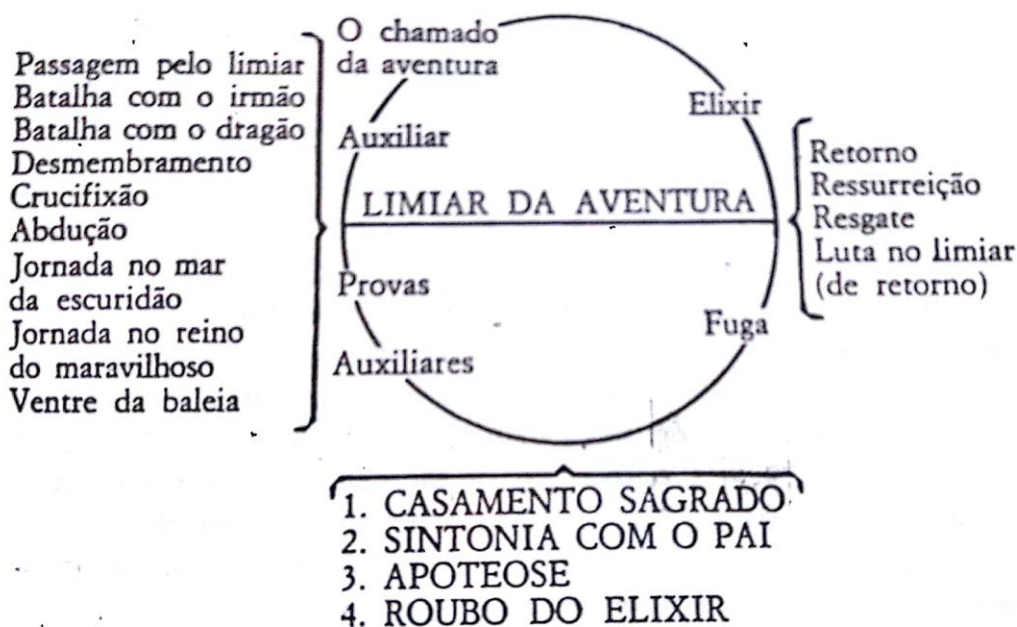


Figura 1: Diagrama da Jornada do Herói, segundo Campbell (CAMPBELL, 2007, p. 241)

Campbell era um grande admirador de Jung, e, inspirado em suas ideias acerca do inconsciente coletivo e da existência de arquétipos, baseou grande parte da sua teoria. Chegou a afirmar que a psicanálise é o instrumento moderno mais valioso para ajudar a compreender a “gramática dos símbolos” (CAMPBELL, 2007, p. 11) e que os psicanalistas “demonstraram irrefutavelmente que a lógica, os heróis e os feitos do mito mantiveram-se vivos até a época moderna” (CAMPBELL, 2007, p. 16).

De acordo com Campbell, os arquétipos são as inspirações das imagens básicas dos rituais, da mitologia e das visões, que ele chamou de “seres eternos dos sonhos”:

O sonho é o mito personalizado e o mito é o sonho despersonalizado; o mito e o sonho simbolizam, da mesma maneira geral, a dinâmica da psique. Mas, nos sonhos, as formas são distorcidas pelos problemas particulares do sonhador, ao passo que, nos mitos, os problemas e as soluções apresentados são válidos diretamente para toda a humanidade. (CAMPBELL, 2007, p. 27-28)

Dessa forma, uma vez que os arquétipos funcionam como padrões antigos de personalidade que são uma herança compartilhada da raça humana, os mitos seriam como sonhos de uma cultura inteira que brotam do inconsciente coletivo.

Campbell percebeu que esses mitos refletem, de forma direta ou indireta, a jornada humana de desafios e conquistas cotidianas, na qual todos nós estamos inseridos. Todos nós passamos por momentos em que vivemos em uma zona de conforto (Mundo Cotidiano), somos convidados a experimentar alguma experiência nova (Chamado à aventura), passamos por provas, conhecemos aliados e inimigos (O Caminho de Provas), e assim por diante, até que essa experiência nos modifica e nos faz retornar ao mundo original, transformados (O retorno com o elixir).

Nesta mesma linha, Christopher Vogler, um redator e analista de roteiros de Hollywood e estudioso e admirador de Campbell¹³, lançou um livro intitulado *A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores*, redigido a partir de um Guia Prático para roteiristas que havia desenvolvido alguns anos antes. Vogler,

¹³ Vogler chegou a afirmar que, “com o tempo, é possível que se descubra que um dos livros mais influentes do século XX foi *O herói de mil faces*, de Joseph Campbell.” (VOGLER, 2015, p. 41)

que estudou Cinema na Universidade do Sul da Califórnia, percebeu que os roteiros dos filmes também deveriam obedecer ao padrão da Jornada do Herói. Para ele, os conceitos de Campbell:

(...) são uma bem-vinda caixa de ferramentas [para escritores, produtores, diretores ou cenógrafos], com instrumentos sólidos ideais para o ofício da contação de histórias. Com essas ferramentas é possível construir uma história que sirva para quase todas as situações, uma história que seja dramática, divertida e psicologicamente verdadeira. Por meio desses equipamentos, podem-se diagnosticar problemas de quase todos os enredos problemáticos e corrigi-los para atingir o máximo desempenho. (VOGLER, 2015, p. 42)

Vogler vai além da importância da Jornada do Herói para a elaboração e compreensão de roteiros. Mais do que isso, afirmou que, ao ler Campbell:

(...) Saí à procura dos princípios formadores da narrativa, mas no meio do caminho me deparei com algo mais: um conjunto de princípios para a vida. Acabei descobrindo que a Jornada do Herói não é nada menos que uma compilação de instruções para a vida, um manual completo da arte do ser humano. (VOGLER, 2015, p. 16)

E mais:

Toda boa história reflete a história humana total, a condição humana universal de ter nascido neste mundo, que consiste em crescer, aprender, lutar para se tornar um indivíduo e morrer. As histórias podem ser lidas como metáforas de uma situação humana geral, com personagens que incorporam qualidades arquetípicas universais, compreensíveis para o grupo e também para o indivíduo, (VOGLER, 2015, p. 64)

Desta forma, é possível perceber que a Jornada do Herói pode e deve ser vista também como a Jornada do Indivíduo, e é com base nessa interpretação que surgiu a proposta do material didático “*Filosofia e Cuidado de Si*”, aqui analisado.

Vogler reinterpretou e didatizou a obra de Campbell, conforme apresentado na Figura 2, e foi a partir dessa didatização que Carlos Castanha elaborou os capítulos do livro “*Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói*”. A escolha dos passos apresentados por Vogler deu-se por dois motivos: 1) a estrutura, mais didática do que a apresentada por Campbell, mostra-se de mais fácil compreensão e geração de interesse para os alunos da faixa etária a qual se destina o projeto e; 2) há um paralelo interessante entre o público-alvo de

Vogler – os escritores e redatores de roteiros cinematográficos – e o dos jovens em fase de escolha de suas carreiras: “a intenção é que cada indivíduo torne-se um escritor de sua própria história de vida, das suas habilidades, competências, talento e sonho” (CASTANHA, 2013, p. 44).

Apesar da escolha da organização dos passos / capítulos ter sido feita em torno da obra de Vogler, não há um abandono de *O herói de mil faces*. Castanha afirma que:

Tanto as aulas quanto os exercícios buscam reorganizar as experiências de vida do aluno tendo como fio condutor a Jornada do Herói de Campbell. Assim, busca-se uma conscientização acerca dessas passagens, então: Qual foi o seu chamado à aventura? Quem foram os seus principais mestres? Quais são os principais limiares de vida enfrentados? Essas são as questões que permeiam o nosso trabalho de orientação. (CASTANHA, 2013, p. 44)

COMPARAÇÃO DE ESQUEMAS E TERMINOLOGIA

<i>A Jornada do Escritor</i>	<i>O herói de mil faces</i>
PRIMEIRO ATO	PARTIDA, SEPARAÇÃO
Mundo Comum	Mundo Cotidiano
Chamado à Aventura	Chamado à Aventura
Recusa do Chamado	Recusa do Chamado
Encontro com o Mentor	O Auxílio Sobrenatural
Travessia do Primeiro Limiar	A Passagem do Primeiro Limiar
	O Ventre da Baleia
SEGUNDO ATO	DESCIDA, INICIAÇÃO, PENETRAÇÃO
Provas, Aliados e Inimigos	O Caminho de Provas
Aproximação da Caverna Secreta	
Provação	O Encontro com a Deusa A Mulher como Tentação Sintonia com o Pai
	A Apoteose
Recompensa	A Bênção Última
TERCEIRO ATO	RETORNO
O Caminho de Volta	A Recusa do Retorno A Fuga Mágica Resgate com Auxílio Externo Travessia do Limiar Retorno
Ressurreição	Senhor de Dois Mundos
Retorno com o Elixir	Liberdade para Viver

Figura 2: Comparação de esquemas e terminologia entre *O herói de mil faces* de Campbell e a *Jornada do Escritor*, de Vogler (VOGLER, 2015, p. 44)

Vogler fez sua própria análise acerca dos arquétipos observados por Campbell, e interpretou-os à luz dos roteiros cinematográficos. Para ele, inicialmente, os arquétipos funcionavam como um papel fixo que a personagem representaria durante toda a história. Depois, percebeu que eles seriam funções desempenhadas temporariamente pelas personagens para alcançar determinado objetivo no enredo. Sendo assim, de acordo com ele,

Os arquétipos podem ser pensados como máscaras usadas pelas personagens temporariamente, quando a história precisa avançar. (...) Outra maneira de olhar os arquétipos clássicos é como se eles fossem facetas da personalidade do herói (ou do escritor). (VOGLER, 2015, p. 63)

Apesar de Jung ter considerado *a persona, sombra, animus e anima* e o *self* como os mais importantes arquétipos dentre a grande variedade existente, Vogler anunciou que, para os narradores de histórias, certos tipos de arquétipos são indispensáveis para a construção de uma boa trama. São eles: *Herói, Mentor, Guardião de Limiar, Arauto, Camaleão, Sombra, Aliado e Pícaro*. Alguns desses nomes, na verdade, refletem os arquétipos junguianos. Como estava interessado em escrever um “guia prático” para escritores, trabalhou com as diferentes funções de cada um desses arquétipos, especialmente a função psicológica e a dramática. No material didático aqui analisado, todas essas figuras arquetípicas aparecem em maior ou menor grau e, por isso, vamos nos ater à função psicológica dessas personagens, uma vez que foi a partir dela que Carlos Castanha interpretou-as em seu projeto.

O Herói, primeira e mais importante dessas figuras arquetípicas, é aquele que está disposto a se sacrificar em favor dos outros, sendo, por isso, ligado à ideia da abnegação. Em termos psicológicos, representa o que Freud chamou de Ego:

No processo de nos tornarmos seres humanos completos, integrados, somos todos Heróis enfrentando guardiões, monstros e ajudantes internos. Na busca por explorar as nossas mentes, encontramos professores, guias, demônios, deuses, colegas, serviçais, bodes expiatórios, mestres, sedutores, traidores e aliados como aspectos de nossa personalidade e personagens dos nossos sonhos. Todos os vilões, pícaros, amantes, amigos e inimigos do Herói podem ser encontrados dentro de nós mesmos. A tarefa psicológica que enfrentamos é a de integrar essas partes separadas em uma entidade completa, equilibrada. O ego, o Herói que pensa estar

separado de todas as suas partes, deve se incorporar a elas e tornar-se um ser único. (VOGLER, 2015, p. 68)

Note-se que o que Vogler afirma ser o objetivo do Herói – integrar essas partes separadas em uma entidade completa – é aquilo que Jung propunha como a *individuação*: o estabelecimento de uma conexão entre o Ego e o Self, na busca por uma unidade da psique. Heróis são, portanto, símbolos da alma em transformação e da jornada que cada pessoa empreende na vida. É por isso que, no material aqui analisado, já no Capítulo 1: *O mundo comum*, Castanha apresenta o arquétipo do Herói e propõe que, ao longo do projeto, possamos “vestir a máscara” dele e experimentar um pouco desse mergulho em si mesmo com um sentido de emancipação (CASTANHA, 2013, p. 52).

O Mentor¹⁴, outra figura arquetípica descrita por Vogler, é apresentado no material analisado no Capítulo 4: *O encontro com o Mestre*. O Mentor é a personagem que ajuda o Herói, ensinando-lhe e fornecendo as provisões necessárias na Jornada, sejam elas de ordem material ou imaterial. Interessante notar que, enquanto o Herói representa o *Ego*, o Mentor representa o *Self*, o aspecto da personalidade que está conectado com todas as outras dimensões da psique, sendo a parte mais nobre e sábia que temos. Não é à toa que, na individuação, conforme dissemos acima, ocorre a conexão profunda entre o Ego e o Self, em outras palavras, entre o Herói e seu Mestre, com o objetivo de incorporar um ao outro, formando uma unidade forte e coerente. É por isso que, na Jornada do Herói, o Mentor representa as maiores aspirações do Herói, simbolizando o que ele pode se tornar, caso persista na Jornada. E é por isso, também, que cada Herói tem um Mestre próprio, pois há, entre eles, uma conexão, que seria o elemento da identificação. Um dos exercícios propostos para esse capítulo é que o aluno/orientando reflita sobre quem são os Mestres em sua vida, identificando quais foram os ensinamentos deixados por eles e em que momento houve sua morte simbólica.

Já no Capítulo 2: *O chamado à aventura* aparece outra imagem arquetípica, a do Arauto. Não é à toa que esse arquétipo é apresentado nesse capítulo: nesse momento da Jornada, o Herói recebe um convite para embarcar em uma nova experiência e, segundo Vogler, os Arautos são aqueles

¹⁴ O nome que Campbell dá para essa figura arquetípica é Velho Sábio ou Velha Sábua.

que apresentam desafios e anunciam a iminência de mudanças significativas. Essa é, também, sua função psicológica: anunciar a necessidade de mudança vivida pelo Herói.

O arquétipo do Guardião de Limiar, de acordo com Vogler, representa os obstáculos que tentam impedir o Herói de embarcar em sua aventura, mas podem ser vencidos, ultrapassados ou transformados em aliados – até porque caracterizam-se como testes para verificar a determinação do Herói para seguir adiante em sua Jornada. Psicologicamente, Vogler diz que podem representar:

os obstáculos que todos enfrentamos no mundo ao nosso redor: intempéries, má sorte, preconceito, opressão ou pessoas hostis. (...) Porém, em um nível psicológico mais profundo, representam nossos demônios internos: neuroses, cicatrizes emocionais, vícios, dependências e limitações autoimpostas que impedem nosso crescimento e avanço. (VOGLER, 2015, p. 92)

A figura do Guardião de Limiar aparece no Capítulo 5: *A travessia do limiar*, e, de acordo com Castanha, podem ser caracterizados em três tipos: a) Pais/Mães superprotetores e/ou castradores; b) Protetores de Passagem e; c) Protetores de Local. (CASTANHA, 2013, p. 131-139). No exercício deste capítulo, o aluno/orientando deve identificar quais foram ou são os principais limiares de sua vida, percebendo quais são os Guardiões deles.

No Capítulo 6: *Testes e Aliados*, dois arquétipos são apresentados: o Aliado e o Pícaro. O Aliado nas histórias é aquele que cumpre uma variedade de funções, como companheiro, parceiro de treino, consciência ou alívio cômico (sendo, neste caso, também um Pícaro), todas elas levando à humanização do Herói. Psicologicamente, o Aliado pode representar as partes não expressas ou não utilizadas da personalidade que deverão ser acionadas para que cumpram sua função. O exercício desse capítulo procura levar o aluno/orientando à reflexão de quais são as características das pessoas que mais admira ou admirou em sua trajetória, percebendo que tais características estão presentes ou, ainda, são potenciais em si mesmo.

O Pícaro é o arquétipo que traz o alívio cômico para os mais variados momentos da jornada heroica. Sua função psicológica é trazer à tona a mudança e a transformação sadia, com frequência chamando a atenção ao

desequilíbrio ou ao absurdo de uma situação psicológica estagnada. De acordo com Vogler,

A energia do Pícaro pode se manifestar por meio de incidentes engraçados ou deslizes linguísticos que nos alertam sobre a necessidade de mudança. Quando nos levamos a sério demais, a porção Picaresca de nossa personalidade pode surgir para nos trazer de volta a perspectiva necessária. (VOGLER, 2015, p. 126)

O último arquétipo que iremos falar é um dos mais importantes e bem trabalhados tanto nas histórias quando no material didático aqui analisado: a Sombra, que figura entre os quatro principais arquétipos segundo Jung, tamanha é a sua importância na psique humana. De acordo com Castanha:

Basicamente, a Sombra é um “adversário” (simbolizado em uma pessoa ou situação) composto de todas as dúvidas, medos e anseios do indivíduo. É a síntese de todas as questões delicadas para o herói, a origem de tudo que ele entende como problemas, frustrações, incapacidades ou incompetências. Causa grande desprazer e o simples pensar sobre esse adversário gera uma enorme aversão. (CASTANHA, 2013, p. 201)

A Sombra, como aponta Castanha, é um “adversário” simbolizando uma pessoa ou situação. Não é à toa que, nas histórias, é representada pelos vilões, antagonistas ou inimigos. Psicologicamente, a Sombra pode representar o poder de sentimentos reprimidos que não somente nos atrapalham, mas ameaçam nos destruir constantemente. De acordo com Jung, a Sombra é dotada de um extraordinário poder de resistência: nunca é vencida (HALL e NORDBY, 2014, p. 42). Daí a importância de trazê-la à luz, pois, uma vez que não pode ser destruída, deve ser, ao menos, reconhecida, confrontada e iluminada.

O Capítulo 8: *A provação* é o momento no qual o arquétipo da Sombra é apresentado ao leitor. No exercício proposto para esse capítulo, o aluno/orientando é convidado a refletir sobre quais são as pessoas ou situações que podem representar “sombras” em sua jornada, interpretando-as à luz de suas características.

Dessa forma, percebemos a proposta “*Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói*” foi construída a partir das três bases teórico-metodológicas apresentadas: a Paideia grega (incentivando o estudante/orientando a buscar

sua *arete*, ou seu talento), *O herói de mil faces*, de Campbell (que lançou as bases para a formulação dos passos da Jornada do Herói) e a Psicologia Analítica de Jung, tanto em seu viés teórico (conceito de Arquétipos e Tipos Psicológicos) quanto metodológico (trabalho do professor / orientador, vinculado à escuta). Atitude fundante para este Projeto de Orientação Vocacional, bem como, necessária a todo trabalho do Orientador(a) Educacional, e à equipe gestora presente em diferentes Projetos Pedagógicos, ao lidar com as relações em seus diferentes níveis, que permeiam um contexto educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das vertentes da Orientação Educacional é, desde sua origem, a Orientação Profissional (ou Vocacional, como optamos por utilizar). Esse tipo de abordagem pedagógica é de extrema importância, pois a idade em que se exige do estudante a decisão por uma carreira profissional é exatamente a adolescência, uma das mais – se não a mais – conturbada fase da vida humana.

Além disso, hoje nos deparamos com uma juventude bastante diferente daquela de décadas anteriores. As gerações Y e Z não possuem as mesmas características das antigas gerações, sendo marcadas, essencialmente, pelo uso constante dos recursos tecnológicos, pela ansiedade, impulsividade e falta de planejamento futuro – até mesmo por sua dificuldade em estabelecer planos a médio e longo prazo. Esses jovens, cada vez mais imaturos e apegados às fantasias infantis, estão chegando à universidade e/ou ao mercado de trabalho sem a certeza de que estão no caminho certo para alcançar seus sonhos – até porque, muitas vezes, não sabem quais são eles.

Por esse motivo, é importante que as escolas – uma vez que a tarefa de ajudar o jovem a escolher foi transferida para o âmbito escolar – estabeleçam propostas pedagógicas que ajudem os jovens a refletir sobre si mesmos e sobre o mundo à sua volta, para que possam elaborar projetos de vida mais condizentes com seus gostos, vontades, necessidades, habilidades e sonhos.

Nesse sentido, o projeto *“Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada do Herói”* contempla essa dupla vertente da qual as escolas hoje são carentes: o estímulo ao autoconhecimento e o estabelecimento de um projeto de vida pessoal-profissional. Tendo como base três eixos teórico-metodológicos (a *Paideia* grega, a Jornada do Herói de Joseph Campbell e a psicologia junguiana), o material didático instiga o estudante a refletir sobre si mesmo e a realidade à sua volta, tendo como inspiração os antigos mitos greco-romanos e seu simbolismo, mesmo tendo-se passados tantos anos desde sua origem. Isso faz com que o estudante passe a se enxergar como o Herói de sua própria Jornada, a Jornada do Indivíduo.

A partir destas últimas reflexões, acreditamos que os objetivos (geral e específicos) que nos propusemos a alcançar quando iniciamos esta pesquisa foram alcançados, pois foi possível perceber como a proposta “Filosofia e Cuidado de Si: uma jornada de herói” pode contribuir para a construção de um projeto de vida pessoal-profissional para os adolescentes, por meio de sua descrição e análise de seus fundamentos teórico-metodológicos. Além disso, também pudemos observar o campo de estudo da Orientação Educacional e sua relação com a Orientação Vocacional, resgatar a imagem dos jovens de hoje e, ainda, contribuir com as pesquisas acerca do tema da Orientação Vocacional no Brasil. Percebemos, no entanto, que este trabalho não esgota o tema, e que muitas outras possibilidades de estudo são abertas, uma vez que a área da Orientação Vocacional cresce vertiginosamente em importância nos dias de hoje.

Também cabe ressaltar a grande importância do curso de Especialização em Gestão Educacional e Escolar oferecido pela PUC-SP para a ampliação de nossas referências teóricas acerca do tema Orientação Vocacional. Vale lembrar que grande parte das referências bibliográficas aqui contidas nos foi apresentada neste curso, especialmente nas disciplinas “*Coordenação Pedagógica, Orientação Educacional e a organização do trabalho na escola*” e “*Coordenação Pedagógica e a formação continuada do professor*”, ambas ministradas pela professora Dra. Marília Josefine Marino, e “*Cultura, exercício de papéis e poder na escola*”, disciplina ministrada pela professora Dra. Terezinha Calil Padis Campos. De uma forma geral, o curso contribuiu para a minha formação humana, pessoal e profissional, ao me levar a refletir sobre temas que há muito me angustiavam, mas que eu não havia encontrado ainda um espaço para discuti-los e ampliá-los. Dessa forma, posso afirmar que saí transformada e muito mais completa deste curso que imaginei ao iniciá-lo, em fevereiro de 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS CITADAS

- BICUDO, Maria Aparecida V. **Fundamentos de Orientação Educacional**. São Paulo: Saraiva, 1978
- BOCK, Ana Mercês Bahia, FURTADO, Odair e TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias. Uma Introdução ao estudo de Psicologia**. 14ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BOCK, Silvio Duarte. **Orientação Profissional: a abordagem sócio-histórica**. São Paulo, Ed. Cortez, 2002
- BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação Vocacional: a estratégia clínica**. 11ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990
- CASTANHA, Carlos. **Filosofia e Cuidado de Si: um projeto de Orientação Vocacional**. São Paulo: Quixote Educacional, 2013
- GRINSPUN, Mírian Paula S. Zippin (org.). **Supervisão e Orientação Educacional. Perspectivas de integração na escola**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2005
- HALL, Calvin S. e NORDBY, Vermon J. **Introdução à psicologia junguiana**. São Paulo: Editora Cultrix, 2014
- JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995
- LEHMAN, Y. P. **Estudo sobre a evasão universitária as mudanças de paradigma na educação e suas consequências**. Dissertação de Livre Docência (não-publicada). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, 2005.
- LIPP, Marilda (org.). **O adolescente e seus dilemas: orientação para pais e educadores**. Campinas: Papirus, 2010

- LÜCK, Heloísa. **Planejamento em Orientação Educacional**. Petrópolis: Vozes, 2009
- MALKI, Y. **A crise com o curso superior na realidade brasileira contemporânea: análise das demandas trazidas ao Núcleo de Orientação Profissional da USP**. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da USP. São Paulo, 2015
- MARINO, M.J. e BISPO, N.S. ***Projeto Tensão Pré-Vestibular (TPV) / PUC-SP – abrindo novos caminhos para a Orientação Vocacional Ocupacional e para a gestão articulada entre Setores Institucionais***. Relatório Final de Pesquisa Interdisciplinar / Institucional e de Iniciação Científica apresentado ao Departamento de Fundamentos de Educação. Faculdade de Educação. PUC-SP, 2011
- OBRY, Jean Claude. **Brasil, meu amor: substituindo o jeitinho pelo talento**. Salvador: beONe Network, 2003.
- PLACCO, Vera Maria N. De Souza. **Formação e prática do educador e do orientador**. Campinas: Papirus, 2002 (5ª edição)
- SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013
- STOKES, Philip. **Os 100 pensadores essenciais da Filosofia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013
- VALENTINI, Deborah Bulbarelli. **Orientação Vocacional: o que as escolas têm a ver com isso?** Campinas: Papirus, 2013
- VELOSO, Elza Fátima Rosa, DUTRA, Joel Souza, NAKATA, Lino Eiko. **Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações Y, X e baby boomers**. IN: Anais do XXXII Encontro da ANPAD, 2008
- VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores**. São Paulo: Editora Aleph, 2015

OBRAS CONSULTADAS

- ALMEIDA, M.E.G.G. e PINHO, L.V. **Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional**. Revista de Psicologia Clínica. Rio de Janeiro, vol. 20, nº2. p. 173-192, 2008

- ANDRADE, J.M., MEIRA, G.R.J.M. e VASCONCELOS, Z.B. **O processo de Orientação Vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios.** Revista Psicologia: Ciência e Profissão. Vol. 22, nº 3, Brasília, setembro 2002
- BARDAGI, M. e HUTZ, C. Z. **Evasão Universitária e serviços de apoio ao estudante: uma breve revisão da literatura brasileira.** Revista de Psicologia. Volume 14, p. 279-301, Novembro 2005
- DAVOGLIO, T.R., LETTNIN, C.C., SANTOS, B.S. e NASCIMENTO, L.M. **Percepção dos estudantes sobre sua permanência na Universidade.** V CLABES, 2015.
- DIAS, M.P e COIMBRA, J.L. **Orientação ao longo da vida no reconhecimento de adquiridos.** Revista AMAzônica. Ano 8, volume XVI, nº 2, p. 188-201, Jul-Dez 2015
- ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar do. **Desafios na formação do educador: retomando o ato de educar.** São Paulo: Ágora, 2012
- FEIJOO, A.M.L.C e MAGNAN, V.C. **Análise da escolha profissional: uma proposta fenomenológico-existencial.** Revista Psicologia, Ciência e Profissão. Rio de Janeiro, vol. 2, p. 356-373, 2012
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **A metapsicologia do cuidado.** São Paulo: Psychê, Ano XI, nº 21, jul-dez/2007
- GRINSPUN, Mírian Paula S. Zippin. **A Orientação Educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011
- GUICHARD, Jean e HUTEAU, Michel. **Psicologia da Orientação.** Lisboa: Instituto Piaget, 2001
- JUNG, Carl G. **Fundamentos da Psicologia Analítica.** Petrópolis: Vozes, 1983
- MIAMBO, C.V.J e COIMBRA, J.L. **Como apoiar os jovens a preparar o futuro numa “economia emergente”? Eficácia da Orientação Vocacional em Moçambique.** Revista AMAzônica. Ano 8, volume XVI, nº 2, p. 67-94, Jul-Dez 2015
- OUTEIRAL, José. **Adolescer: estudos revisados sobre a adolescência.** Rio de Janeiro: Revinter, 2003 (2ª edição)

- PLACCO, Vera Maria N. de Souza e ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (ORGS.). **O coordenador pedagógico: provocações e possibilidades de atuação**. São Paulo: Edições Loyola, 2012
- RIBEIRO, Marcelo Afonso e UVALDO, Maria da Conceição Coropos. **Frank Parsons: trajetória do pioneiro da Orientação vocacional, profissional e de carreira**. Revista Brasileira de Orientação Profissional. Vol. 8, nº 1, São Paulo, junho 2007.
- São Paulo (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **A orientação educacional no Sistema de ensino do Estado de São Paulo**. 1977
- SOLÉ, Isabel. **Orientação Educacional e Intervenção psicopedagógica**. Porto Alegre: ARTMED, 2001

LINKS:

- <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/03/1747061-mais-alunos-trancam-curso-do-que-concluem-graduacao.shtml?cmpid=facefolha> (Acesso em 17/06/2016)
- <http://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/carreiras/2017/08/1909291-geracao-z-e-mal-educada-e-mais-pe-no-chao-que-a-y.shtml> (Acesso em 09/09/2017)
- <https://oglobo.globo.com/economia/geracao-chega-ao-mercado-de-trabalho-muda-vinculos-21437405> (Acesso em 09/09/2017)
- <http://www.ifd.com.br/marketing/geracao-x-geracao-y-geracao-z/> (Acesso em 09/09/2017)

ANEXO

Imagem da capa do Fascículo 1 do material “Filosofia e Cuidado de Si: uma Jornada de Herói”

